

Capa de J. U. Campos que entrará em domínio público em 2043.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL - SÃO PAULO



Série 1.^a

LITERATURA INFANTIL

da BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS

por MONTEIRO LOBATO

- 1 — **Reinações de Narizinho**
- 3 — **Viagem ao Céu**
- 4 — **O Sací**
- 5 — **Aventuras de Hans Staden**
- 9 — **As Caçadas de Pedrinho**
- 10 — **História do Mundo para Crianças**
- 11 — **Novas Reinações de Narizinho**
- 14 — **Emília no País da Gramática**
- 19 — **Robinson Crusoe** (Adapt. de M. Lobato)
- 20 — **Peter Pan**
- 21 — **Aritmética da Emília**
- 22 — **Geografia de Dona Benta**
- 23 — **Historia das Invenções**
- 25 — **D. Quixote das Crianças**
- 26 — **Memórias da Emília**
- 27 — **O Poço do Visconde**
- 28 — **Serões de Dona Benta**
- 29 — **Historias de Tia Nastacia**
- 31 — **O Picapau Amarelo**
- 32 — **O Minotauro**
- 33 — **A Chave do Tamanho**

por LEWIS CARROLL (Trad. de M. Lobato)

- 2 — **Alice no País das Maravilhas**
- 8 — **Alice no País do Espelho**

por HANS ANDERSEN (Trad. de M. Lobato)

- 6 — **Contos de Andersen**
- 15 — **Novos Contos de Andersen**

por IRMÃOS GRIMM (Trad. de M. Lobato)

- 7 — **Contos de Grimm**
- 16 — **Novos Contos de Grimm**

por G. A. BÜRGER

- 12 — **Aventuras do Barão Münchhausen ;**

por C. COLLODI (Trad. revista por M. Lobato)

- 13 — **Pinocchio**

por CHARLES PERRAULT (Trad. de M. Lobato)

- 17 — **Contos de Fadas**

por VIRIATO CORREIA

- 18 — **Historia do Brasil para Crianças**
- 24 — **Meu Torrão**

por MURILO ARAUJO

- 30 — **A Estrela Azul** (Poemas para as crianças)
-

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SAO PAULO

Série 1ª

LITERATURA INFANTIL
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Vol. 34

MONTEIRO LOBATO

//

3618

FABULAS

Desenhos de WIESE

//

9.ª EDIÇÃO

Doado por: Gabriel de Araújo
Martins

22/10/95

Companhia Editora Nacional

São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Pôrto Alegre

1943

3618

Biblioteca e Pedagógica "MONTEIRO LOBATO"
SAUBATE: S. S.

INDICE

A Cigarra e as duas Formigas	9
A Coruja e a Aguia	12
A Rã e o Boi	14
O Reformador do Mundo	16
A Gralha Enfeitada com Penas de Pavão	18
O Rato da Cidade e o Rato do Campo	20
O Velho, o Menino e a Mulinha	22
O Pastor e o Leão	25
Burrice	27
O Julgamento da Ovelha	29
O Burro Juiz	31
Os Carneiros Jurados	33
O Touro e as Rãs	35
A Assembleia dos Ratos	36
O Galo que Logrou a Raposa	38
Os dois Viajantes da Macacolândia	40
A Menina do Leite	42
A Rã Sabia	44
O Veado e a Moita	46
O Sabiá e o Urubú	48
A Morte e o Lenhador	50
O Util e o Belo	52
As Aves de Rapina e os Pombos	53
O Burro na Pele do Leão	55
A Raposa sem rabo	57
O Perú Medroso	59
O Leão, o Lobo e a Raposa	61
O Sabiá na Gaiola	63
Qualidade e Quantidade	65
O Cão e o Lobo	67
O Corvo e o Pavão	70
Os Animais e a Peste	72
O Carreiro e o Papagaio	75

O Macaco e o Gato	77
A Mosca e a Formiguinha	79
Os Dois Burrinhos	81
O Cavalo e as Mutucas	84
O Ratinho, o Rato e o Galo	86
Os Dois Pombinhos	88
As Duas Cachorras	91
A Cabra, o Cabrito e o Lobo	93
Os Dois Ladrões	95
A Mutuca e o Leão	96
A Fome não tem ouvidos	97
Unha-de-Fome	101
O Lobo Velho	103
O Rato e a Rã	105
O Lobo e o Cordeiro	107
O Cavalo e o Burro	109
O Intrujão	111
O Homem e a Cobra	113
O Gato e a Raposa	115
A malícia da Raposa	117
As Razões do Porco	119
Segredo de Mulher	121
O Automovel e a Mosca	123
A Onça Doente	125
O Jaboti e a Piúva	126
A Raposa e as Uvas	128
O Gato Vaidoso	129
Pau de Dois Bicos	131
A Galinha dos Ovos de Ouro	133
A Garça Velha	135
O Leão e o Ratinho	137
O Orgulhoso	139
O Egoismo da Onça	141
O Imitador dos Animais	143
O Burro Sabio	145
Mal Maior	147
Tolice de Asno	149
As Duas Panelas	151
A Pele do Urso	153
Liga das Nações	155



A Cigarra e as duas Formigas

I — A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu — *tic, tic, tic...*

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num chalinho de paina.

— Que quer? perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E que fez durante o bom tempo que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa arvore enquanto nós labutavamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporecionou. Aquele chiado nos distraia e aliviava o trabalho. Diziamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II — A FORMIGA MÁ

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontra-la desprovida de tudo, sem casa onde obrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu á porta da formiga e implorou — emprestado, notem! — uns miseraveis restos de comida. Pagaria com juroz altos aquela comida de emprestimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usuraria sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha odio á cigarra por ve-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!...

— Cantava? Pois danse agora, vagabunda! e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. E' que faltava na musica do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usuraria morresse, quem daria pela falta dela ?

Os artistas — poetas, pintores, musicos — são as cigarras da humanidade.

— Esta fabula está errada! gritou Narizinho. Vóvó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas — e lá a gente vê que as formigas são os unicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fabulas não eram lições de Historia Natural, mas de Moral.

— E tanto é assim, disse ela, que nas fabulas os animais falam e na realidade eles não falam.

— Isso não! protestou Emilia. Não ha animalzinho, bicho, formiga ou pulga, que não fale. Nós é que não entendemos as linguinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

— Sim, mas nas fabulas os animais falam a nossa lingua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeiat?

— Agora, sim! disse Emilia muito ganjenta com o triunfo. Conte outra.



A Coruja e a Aguia

Coruja e aguia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

— Basta de guerra, disse a coruja. O mundo é grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

— Perfeitamente, respondeu a aguia. Também eu não quero outra coisa.

— Nesse caso combinemos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

— Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

— Coisa facil. Sempre que encontrares uns borra-chos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios duma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

— Está feito! concluiu a aguia.

Dias depois, andando á caça, a aguia encontrou um ninho com tres mostrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

— Horriveis bichos! disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar á tóca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

— Que? disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles mostrenginhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Para retrato de filho niguem acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: quem o feio ama, bonito lhe parece.

— Para mim, vóvó, comentou Narizinho, esta é a rainha das fabulas. Nada mais verdadeiro. Para os pais os filhos são sempre uma beleza, nem que sejam feios como os filhos da coruja.

— E essa fabula se aplica a muita coisa, minha filha. Aplica-se a tudo que é produto nosso. Os escritores acham otimas todas as coisas que escrevem, por peores que sejam. Quando um pintor pinta um quadro, para ele o quadro é sempre bonitinho. Tudo quanto nós fazemos é “filho de coruja”.

— Mostrengo ou monstrengo, vóvó? quis saber Pedrinho. Vejo essa palavra escrita de dois jeitos.

— Os gramaticos querem que seja mostrengo — coisa de mostrar; mas o povo acha melhor monstrengo — coisa monstruosa, e vai mudando. Por mais que os gramaticos insistam na forma “mostrengo”, o povo diz “monstrengo”.

— E quem vai ganhar essa corrida, vóvó?

— Está claro que o povo, meu filho. Os gramaticos acabarão se cansando de insistir no “mostrengo” e se resignarão ao “monstrengo”.

— Pois eu vou adotar o “monstrengo”, resolveu Pedrinho. Acho mais expressivo.

A Rã e o Boi

Tomavam sol á beira dum brejo uma rã e uma sara-cura. Nisto chegou um boi, que vinha para o bebedouro.

— Quer ver, disse a rã, como fico do tamanho deste animal ?

— Impossivel, rãzinha. Cada qual como Deus o fez.

— Pois olhe lá! retorquiu a rã estufando-se toda. Não estou “quasi” igual a ele?

— Capaz! Falta muito, amiga.

A rã estufou-se mais um bocado.

— E agora?

— Longe ainda!...

A rã fez novo esforço.

— E agora?

— Que esperança!...

A rã, concentrando todas as forças, enguliu mais ar e foi se estufando, estufando, até que, *plaf!* rebentou como um balãozinho de elastico.

O boi, que tinha acabado de beber, lançou um olhar de filosofo sobre a rã moribunda e disse:

— *Quem nasce para dez réis não chega a vintem.*

— Não concordo! berrou Emilia. Eu nasci boneca de pano, muda e feia, e hoje sou até ex-marquesa. Subi muito. Cheguei a muito mais que vintem. Cheguei a tostão...

— Isso não impede que a fabula esteja certa, Emilia, porque os fabulistas escrevem as fabulas para as creaturas humanas e não para as creaturas inhumanas como você. . Você é “gentinha”, não é bem gente.

Emilia fez um muxoxo de pouco caso.

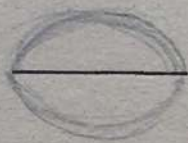
— E “passo” isso de ser gente humana! Maior sengracismo não conheço...

— Cuidado, Emilia! disse Narizinho. De repente você estufa demais e acontece como no caso da rã... E sabe o que sai de dentro de você, se arrebentar?

— Estrelas! berrou Emilia.

— Sai um chuveiro de asneirinhas...

Emilia pôs-lhe a lingua.





O Reformador do Mundo

Americo Pisca-Pisca tinha o habito de pôr defeito em todas as coisas. O mundo para ele estava errado e a natureza só fazia asneiras.

— Asneiras, Americo?

— Pois então?!... Aqui mesmo, neste pomar, você tem a prova disso. Ali está uma jaboticabeira enorme sustendo frutas pequeninas, e lá adiante vejo uma colossal abobora presa ao caule duma planta rasteira. Não era logico que fosse justamente o contrario? Se as coisas tivessem de ser reorganizadas por mim, eu trocaria as bolas, passando as jaboticabas para a aboboreira e as aboboras para a jaboticabeira. Não tenho razão?

Assim discorrendo, Americo provou que tudo estava errado e só ele era capaz de dispor com inteligencia o mundo.

— Mas o melhor, concluiu, é não pensar nisto e tirar uma soneca á sombra destas arvores, não acha?

E Pisca-Pisca, pisca-piscando que não acabava mais, estirou-se de papo para cima á sombra da jaboticabeira.

Dormiu. Dormiu e sonhou. Sonhou com o mundo novo, reformado inteirinho pelas suas mãos. Uma beleza!

De repente, no melhor da festa, *plaf!* uma jaboticaba cái do galho e lhe acerta em cheio no nariz.

Americo desperta de um pulo; pisca, pisca; medita sobre o caso e reconhece, afinal, que o mundo não era tão mal feito assim.

E segue para casa refletindo:

— Que espiga!... Pois não é que se o mundo fosse arrumado por mim a primeira vitima teria sido eu? Eu, Americo Pisca-Pisca, morto pela abobora por mim posta no lugar da jaboticaba? Hum! Deixemo-nos de reformas. Fique tudo como está, que está tudo muito bem.

E Pisca-Pisca continuou a piscar pela vida em fóra, mas já sem a cisma de corrigir a natureza.

— Pois esse Americo era bem merecedor de que a abobora lhe esmagasse a cabeça duma vez, berrou Emilia. Eu, se fosse a abobora, moia-lhe os miolos...

— Por que?

— Porque a Natureza anda precisadissima de reforma. Tudo torto, tudo errado... Um dia eu ainda agarro a Natureza e arrumo-a certinha, deixo-a como deve ser.

Todos se admiraram daquela audacia. Emilia continuou:

— Querem ver um erro absurdo da Natureza? Essa coisa do tamanho... Para que tamanho? Para que quer um elefante um corpão enorme, se podia muito bem viver e ser feliz com um tamanho de pulga? Que adianta aquele beijo enorme de tia Nastacia? Tudo errado — e o maior dos erros é o tal tamanho.

— E quando vai você reformar a Natureza, Emilia?

— Um dia. No dia em que me pilhar aqui sozinha...

A Galha Enfeitada com Penas de Pavão

Como os pavões andassem em época de muda, uma galha teve a ideia de aproveitar as penas caídas.

— Enfeito-me com estas penas e viro pavão!

Disse e fez. Ornamentou-se com as lindas penas de olhos azues e saiu pavoneando por ali afóra, rumo ao terreiro das galhas, na certeza de produzir um maravilhoso efeito.

Mas o trunfo lhe saiu ás avessas. As galhas perceberam o embuste, riram-se dela e enxotaram-na á força de bicadas.

Corrida assim dali, dirigiu-se ao terreiro dos pavões pensando lá consigo:

— Fui tola. Desde que tenho penas de pavão, pavão sou e só entre pavões poderei viver.

Mau calculo. No terreiro dos pavões coisa igual lhe aconteceu. Os pavões de verdade reconheceram o pavão de mentira e tambem a correram de lá sem dó.

E a pobre tola, bicada e esfolada, ficou sozinha no mundo. Deixou de ser galha e não chegou a ser pavão, conseguindo apenas o odio de umas e o desprezo de outros.

Amigos: lé com lé, cré com cré.

— Esta fabula é bem boazinha, disse dona Benta. Quem pretende ser o que não é, acaba mal. O coronel Teodorico vendeu a fazenda, ficou milionario e pensou que era um homem da alta so-

cidade, dos finos, dos bem educados. E agora? Anda de novo por aqui, sem vintem, mais depenado que a tal gralha. Por que? Porque quis ser o que não era.

— Isso não, vóvó! objetou Pedrinho. Ele ficou rico e quis levar vida de rico. Só que não teve sorte.

— Não, meu filho. O meu compadre apenas se encheu de dinheiro — não ficou rico. Só enriquece quem adquire conhecimentos. A verdadeira riqueza não está no acumulo de moedas — está no aperfeiçoamento do espirito e da alma. Qual o mais rico — aquele Socrates que encontramos na casa de Péricles ou um milionario comum?

— Ah, Socrates, vóvó! Perto dele o milionario comum não passa dum mendigo.

— Isso mesmo. A verdadeira riqueza não é a do bolso, é a da cabeça. E só quem é rico de cabeça (ou de coração) sabe usar a riqueza material formada por bens ou dinheiro. O compadre *pretendeu* ser rico. Enfeitou-se com as penas de pavão do dinheiro e acabou mais depenado que a gralha. Aprenda isso...

— E que quer dizer esse “lé com lé, cré, com cré”? perguntou Narizinho.

— Isso é o que resta duma antiga expressão portuguesa que foi perdendo silabas como a gralha perdeu penas: “Leigo com leigo, clérigo com clérigo”. Em vez de clérigo o povo dizia “crerigo”. Ficaram só as primeiras silabas das duas palavras.



O Rato da Cidade e o Rato do Campo

Certo ratinho da cidade resolveu banquetear um compadre que morava no mato. E convidou-o para um festim, marcando lugar e hora.

Veio o rato da roça, e logo de entrada muito se admirou do luxo de seu amigo. A mesa era um tapete oriental, e os manjares eram coisa papafina: queijo do reino, presunto, pão-de-ló, mãe-benta. Tudo isso dentro dum salão cheio de quadros, estatuetas e grandes espelhos de moldura dourada.

Puseram-se a comer.

No melhor da festa, porém, ouviu-se um rumor na porta. Incontinenti o rato da cidade fugiu para o seu buraco, deixando o convidado de boca aberta.

Não era nada, e o rato fujão logo voltou e prosseguiu no jantar. Mas ressabiado, de orelha em pé, atento aos mínimos rumores da casa.

Daí a pouco, novo barulhinho na porta e nova fugida do ratinho.

O compadre da roça franziu o nariz.

— Sabe do que mais? Vou-me embora. Isto por aqui é muito bom e bonito mas não me serve. Muito melhor roer o meu grão de milho no sossego da minha toca do que me faltar de gulodices caras com o coração aos pinotes. Até logo.

E foi-se.

— Está certo! disse tia Nastacia que havia entrado e parado para ouvir. Nunca me hei de esquecer do que passei lá na Lua quando estive cosinhando para São Jorge e ouvia os urros daquele dragão. Meu coração pulava no peito. Só sosseguei quando me vi outra vez aqui no meu cantinho...

O Velho, o Menino e a Mulinha

O velho chamou o filho e disse:

— Vá ao pasto, pegue a bestinha ruana e apronte-se para irmos á cidade, que quero vende-la.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a e partiram os dois a pé, puxando-a pelo cabresto. Queriam que ela chegasse descansada para melhor impressionar os compradores.

De repente,

— Esta é boa! exclamou um viajante ao avistá-los. O animal vazio e o pobre velho a pé! Que despropósito! Será promessa, penitencia ou caduquice?...

E lá se foi, a rir.

O velho achou que o viajante tinha razão e ordenou ao menino:

— Puxa a mula, meu filho. Eu vou montado e assim tapo a boca do mundo.

Tapar a boca do mundo, que bobagem! O velho compreendeu isso logo adiante, ao passar por um bando de lavadeiras ocupadas em bater roupa num correço.

— Que graça! exclamaram elas. O marmanjão montado com todo o sossego e o pobre do menino a pé... Ha cada pai malvado por este mundo de Cristo... Crédo!...

O velho danou e, sem dizer palavra, fez sinal ao filho para que subisse á garupa.

— Quero só ver o que dizem agora...

Viu logo. O Izé Biriba, estafeta do correio, cruzou com eles e exclamou:

— Que idiotas! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega á cidade não é mais a mulinha; é a sombra da mulinha...

— Ele tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Eu apeio e você, que é levezinho, vai montado.

Assim fizeram, e caminharam em paz um quilometro, até o encontro dum sujeito que tirou o chapéu e saudou o pequeno respeitosamente.

— Bom dia, príncipe!

— Por que, príncipe? indagou o menino.

— E' boa! Porque só príncipes andam assim de lacaio á redea...

— Lacaio, eu? esbravejou o velho. Que desaforo! Desce, desce, meu filho e carreguemos o burro ás costas. Talvez isto contente o mundo...

Nem assim. Um grupo de rapazes, vendo a estranha cavalgada, acudiu em tumulto, com vaias:

— Hu! Hu! Olha a trempe de tres burros, dois de dois pés e um de quatro! Resta saber qual dos tres é o mais burro...

— Sou eu! replicou o velho, arriando a carga. Sou eu, porque venho ha uma hora fazendo não o que quero mas o que quer o mundo. Daqui em diante, porém, farei o que me manda a consciencia, pouco me importando que o mundo concorde ou não. Já vi que morre doido quem procura contentar toda gente...

— Isto é bem certo, disse dona Benta. Quem quer contentar todo mundo, não contenta a ninguem. Sobre todas as coisas ha sempre opiniões contrarias. Um acha que é assim, outro acha que é assado.

— E como então a gente deve fazer? perguntou a menina.

— Devemos fazer o que nos parece mais certo, mais justo, mais conveniente. E para nos guiar temos a nossa razão e a nossa consciencia. Aquela fita que vimos no cinema da cidade tem um titulo muito sabio.

— Qual, vóvó?

— E ISTO ACIMA DE TUDO...

— Não estou entendendo...

— Esse titulo é a primeira parte dum verso de Shakespeare: "E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo". Bonito, não?

— Lindo, vóvó! exclamou Pedrinho entusiasmado. E vou adotar esse verso como lema da minha vida. Quero ser fiel a mim mesmo — e o mundo que se fomenta...



O Pastor e o Leão

Um pastorzinho, notando certa manhã a falta de varias ovelhas, enfureceu-se, tomou da espingarda e saiu para a floresta.

— Raios me partam se eu não trouxer, vivo ou morto, o miseravel ladrão das minhas ovelhas! Hei de campear dia e noite, hei de encontrá-lo, hei de arrancar-lhe os figados...

E assim, furioso, a resmungar as maiores pragas, consumiu longas horas em inuteis investigações.

Cansado já, lembrou-se de pedir socorro aos ceus.

— Valei-me, Santo Antonio! Prometo-vos vinte rezes se me fizerdes dar de cara com o infame salteador.

Por estranha coincidencia, assim que o pastorzinho disse aquilo apareceu diante dele um enorme leão, de dentes arreganhados.

O pastorzinho tremeu dos pés á cabeça; a espingarda caiu-lhe das mãos; e tudo quanto pôde fazer foi invocar de novo o santo.

— Valei-me, Santo Antonio! Prometi vinte rezes se me fizesseis aparecer o ladrão; prometo agora o rebanho inteiro para que o façais desaparecer.

No momento do perigo é que se conhecem os herois.

— Pois eu escorava o leão! disse Pedrinho. Se estivesse com uma boa espingarda, escorava — ah, isso escorava! Levava a espingarda á cara, fazia pontaria e *pum!*...

— E se errasse? interpelou a menina.

— Se errasse, peor para mim. Correr é que não corria, porque — que adianta correr de leão? Ele pega mesmo...

Dona Benta riu-se da valentia e falou.

— Por essa razão é que a "moralidade da fabula diz que é no momento do perigo que se conhecem os herois. Se você não fugia, então é que é mesmo um heroi. Mas o tal pastorzinho não era...

— E foi bom que não fosse, disse a menina.

— Por que?

— Porque se ele fosse um heroi como Pedrinho, não podia haver essa fabula.

Burriche

Caminhavam dois burros, um com carga de açúcar, outro com carga de esponjas.

Dizia o primeiro:

— Caminhemos com cuidado, porque a estrada é perigosa.

O outro redarguiu:

— Onde está o perigo? Basta andarmos pelo rastro dos que hoje passaram por aqui.

— Nem sempre é assim. Onde passa um pôde não passar outro.

— Que burriche! Eu sei viver, gabo-me disso, e minha ciencia toda se resume em só imitar o que os outros fazem.

— Nem sempre é assim, nem sempre é assim... continuou a filosofar o primeiro.

Nisto alcançaram o rio, cuja ponte caira na vespera.

— E agora ?

— Agora é passar a vau.

O burro do açúcar meteu-se na correnteza e, como a carga se ia dissolvendo ao contacto da agua, conseguiu sem difficuldade pôr pé na margem oposta.

O burro da esponja, fiel ás suas ideias, pensou consigo:

— Se ele passou, passarei tambem — e lançou-se ao rio.

Mas sua carga, em vez de esvair-se como a do primeiro, cresceu de peso a tal ponto que o pobre tolo foi ao fundo.

— Bem dizia eu! Não basta *querer* imitar, é preciso *poder* imitar, comentou o outro.

— Que é passar a vau? perguntou Pedrinho.

— E' uma expressão antiga e muito boa. Quer dizer "vadear um rio", passar por dentro da agua no lugar mais raso.

— E por que a senhora disse "redarguiu"? Não é pedantismo? quis saber a menina.

— E' e não é, respondeu dona Benta. Redarguir é dar uma resposta que é também pergunta. Bonito, não?

— Por que é e não é? Como uma coisa pode ao mesmo tempo ser e não ser?

— E' pedantismo para os que gostam da linguagem mais simplificada possível. E não é pedantismo para os que gostam de falar com grande propriedade de expressão.

— E que é propriedade de expressão? quis saber Narizinho.

— Propriedade de expressão, explicou dona Benta, é a mais bela qualidade dum estilo. E' dizer as coisas com a maior exatidão. Ainda ha pouco Emilia falou no "ferrinho do trinco da porta". Temos aqui uma "impropriedade de expressão". Se ela dissesse "lingueta do trinco" estaria falando com mais propriedade.

— Mas é ou não é ferrinho? redarguiu Emilia.

— A lingueta do trinco é um ferrinho, mas um ferrinho não é lingueta — pode ser mil coisas.



O Julgamento da Ovelha

Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

— Para que furtaria eu esse osso, alegou ela, se sou herbívora e um osso para mim vale tanto como um pedaço de pau?

— Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou já leva-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião de penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubús de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o juri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu sentença:

— Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você á morte!

A ré·tremeu: não havia escapatoria!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entrega-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juizes famintos, a titulo de custas...

Fiar-se na justiça dos poderosos, que tolice! A justiça deles não vacila em tomar do branco e solenemente decretar que é preto

— Esta fabula, disse dona Benta, é muito dolorosa. E' um verdadeiro retrato da justiça humana; e se eu fosse explicar a lição que existe aqui, levaria um ano. Não vale a pena. Vocês vão viver, vão crescer, vão conhecer os homens — e irão percebendo a profunda e triste verdade desta fabulazinha...

— Que quer dizer “maus bofes”, vóvó?

— Quer dizer de má indole, de maus sentimentos, e foi por ser assim que o cachorro acusou a pobre ovelha.

— E os urubús juizes tambem eram de maus bofes?

— Não. Esses eram apenas maus juizes, dos que julgam de acordo com certos interesses, em vez de julgar de acordo com a justiça.

— Que interesse tinham eles no caso?

— Estavam com fome e queriam comer a ovelha.

Emilia protestou. Achou que nesse ponto a fabula não tinha “propriedade gastronomica”.

— Por que?

— Porque urubú não come carne fresca, só come carne podre...

O Burro Juiz

A gralha começou a disputar com o sabiá afirmando que sua voz valia mais que a dele. Como as outras aves se rissem daquela pretensão, a barulhenta matraca de penas gralhou furiosa:

— Nada de brincadeiras! Isto é uma questão muito séria, que deve ser decidida por um juiz. O sabiá canta, eu canto, e uma sentença decidirá quem é o melhor cantor. Topam?

— Topamos! piaram as aves. Mas quem servirá de juiz?

Estavam a debater este ponto quando zurrou ao longe um burro.

— Nem de encomenda! exclamou a gralha. Está lá um juiz de primeiríssima ordem para julgamento da musica, porque nenhum animal possui orelhas daquele tamanho. Convidemo-lo para julgar a causa.

O burro aceitou o juizado e veio postar-se no centro da roda.

— Vamos lá, comecem! ordenou ele.

O sabiá deu um pulinho, abriu o bico e cantou. Cantou como só cantam os sabiás, repinicando os trinos mais melodiosos e limpídos.

— Agora eu ! disse a gralha, dando um passo á frente. E abrindo a bicanca matraqueou um berreiro de romper os timpanos aos proprios surdos.

Terminada a prova, o juiz abanou as orelhas e deu sentença:

— Dou ganho de causa a dona Gralha, que canta muito melhor que mestre sabiá.

Quem burro nasce, togado ou não, burro morre.

— Estou compreendendo, disse Narizinho. A gralha escolheu para juiz o burro justamente porque um burro não entende nada de musica — apesar das orelhas que tem. Essa gralha era esper-tissima...

— Pois se escolhesse o nosso Burro Falante, disse Emilia, quem levava na cabeça era ela. Impossivel que o Conselheiro não desse sentença a favor do sabiá! Já notei isso. Sempre que um passarinho canta num galho, ele espicha as orelhas e fica a ouvir, com um sorriso nos labios...

Dona Benta riu-se e deixou passar a fabula sem nenhum comentario.



Os Carneiros Jurados

Certo pastor, revoltado com as depredações do lobo, reuniu a carneirada e disse:

— Amigos! E' chegado o momento de reagir. Sois uma legião e o lobo é um só. Se vos reunirdes e resistirdes de pé firme, quem perderá a partida será ele, e nós nos veremos para sempre libertos da sua cruel voracidade.

Os carneiros aplaudiram-no com entusiasmo e, erguendo a pata dianteira, juraram resistir.

— Muito bem! exclamou o pastor. Resta agora combinarmos o meio pratico de resistir. Proponho o seguinte: quando a féra aparecer, ninguem foge; ao contrario: firmam-se todos nos pés, retesam os musculos, armam a cabeça, investem contra ela, encurralam-na, imprensam-na, esmagam-na!...

Uma salva de *bés* selou o pacto e o dia inteiro não se falou senão na tremenda réplica que dariam ao lobo.

Ao anoitecer, porém, quando a carneirada se recolhia ao curral, um berro ecôou de subito:

— O lobo !...

Não foi preciso mais: sobreveio o panico e os herois jurados fugiram pelos campos afóra, tontos de pavor.

Fôra rebate falso. Não era lobo: era apenas sombra de lobo!...

Ao carneiro só peças lã.

— Por que só pedir lã aos carneiros? disse Emilia. Podemos tambem pedir-lhes costeletas. Dos carneiros é só o que interessa Tia Nastacia, as costeletas...

Dona Benta explicou que o principal do carneiro não era a carne e sim a lã.

— Carne todos os animais têm, disse ela, e lã, só o carneiro. Lã em quantidade, que dá para vestir todos os homens da terra, só o carneiro. E' porisso que o autor desta historia fala em lã e não em carne. A moralidade da fabula é que não devemos exigir das creaturas coisas que elas não podem dar. Se pedimos lã a um carneiro, ele no-la dá muita e excelente. Mas se pedimos coragem, ah, isso ele não dá nem um pingô.

— Por que?

— Porque não tem. Não ha bichinho, mais timido, mais sem coragem que o carneiro. Quando queremos falar duma pessoa muito pacifica, dizemos, "E' um carneiro!"

O Touro e as Rãs

Enquanto dois touros furiosamente lutavam pela posse exclusiva de certa campina, as rãs novas, á beira do brejo, divertiam-se com a cena.

Uma rã velha, porém, suspirou.

— Não se riam, que o fim da disputa vai ser doloroso para nós.

— Que tolice ! exclamaram as rãsinhas. Você está caducando, rã velha !

A rã velha explicou-se:

— Brigam os touros. Um deles ha de vencer e expulsar da pastagem o vencido. Que acontece ? O animalão surrado vem meter-se aqui em nosso brejo e ai de nós!...

Assim foi. O touro mais forte, á força de marradas, encurralou no brejo o mais fraco, e as rãsinhas tiveram de dizer adeus ao sossego. Inquietas sempre, sempre atropeladas, raro era o dia em que não morria alguma sob os pés do bicharoco.

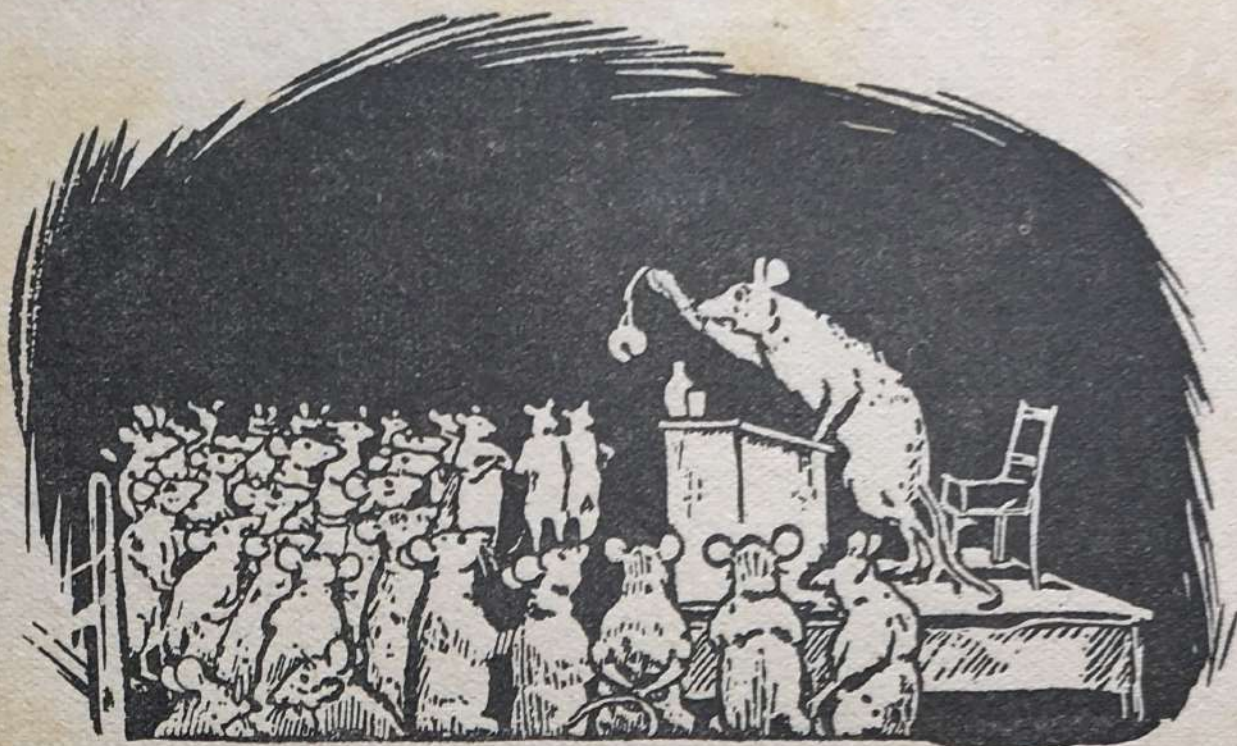
E' sempre assim: brigam os grandes, pagam o pato os pequenos.

— Estou achando isto muito certo, disse Narizinho. Os fortes sempre se arrumam lá entre si — e os fracos pagam o pato.

— E' a lei da vida, minha filha. A função do fraco é pagar o pato. Nas guerras, por exemplo, brigam os grandes estadistas — mas quem vai morrer nas batalhas são os pobres soldados que nada têm com a coisa.

— Pagar o pato ! Donde viria essa expressão ?

— Eu sei, berrou Emilia. *Veio* duma fabulazinha que *vou* escrever. “Dois fortes e um fraco foram a um restaurante comer um pato assado. Os dois fortes comeram todo o pato e deram a conta para o fraco pagar...”



A Assembleia dos Ratos

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria duma casa velha que os sobreviventes, sem animo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos á lua.

— Acho, disse um deles, que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomonos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delirio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silencio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Dizer é facil; fazer é que são elas!

— Que historia essa de gato “fazendo sonetos á lua”? interpelou a menina. A senhora está ficando muito “literaria” vóvó...

Dona Benta riu-se.

— Sim, minha filha. Apesar do meu desamor pela “literatura”, ás vezes faço alguma. Isso aí é uma “imagem literaria”. A Lua é um astro poetico, e quando um gatinho anda miando pelo telhado, um poeta pode dizer que ele está fazendo sonetos á Lua. E’ uma bobagenzinha poetica.

— “Desamor pela literatura”, vóvó? extranhou Pedrinho. Então a senhora desama a literatura?

Dona Benta suspirou.

— Meu filho, ha duas especies de literaturas, uma entre aspas e outra sem aspas. Eu gosto desta e detesto aquela. A literatura sem aspas é a dos grandes livros; e a com aspas é a dos livros que não valem nada. Se eu digo: “Estava uma linda manhã de ceu azul”, estou fazendo literatura sem aspas, da boa. Mas se eu digo: “Estava uma gloriosa manhã de ceu americanamente azul”, eu faço “literatura” da aspada — da que merece pau.

— Compreendo, vóvó, disse a menina, e sei dum exemplo ainda melhor. No dia dos anos da Candoca o jornal da vila trouxe uma noticia assim: “Colhe hoje mais uma violeta no jardim da sua preciosa existencia a gentil senhorita Candoca de Moura, eburneo ornamento da sociedade itaoquense”. Isto me parece literatura com dez aspas.

— E é, minha filha. E’ da que pede pau...

O Galo que Logrou a Raposa

Um velho galo matreiro, percebendo a aproximação da raposa, empoleirou-se numa arvore. A raposa, desapontada, murmurou consigo: "Deixe estar, seu malandro, que já te curo!..." E em voz alta:

— Amigo, venho contar uma grande novidade: acabou-se a guerra entre os animais. Lobo e cordeiro, gavião e pinto, onça e veado, raposa e galinhas, todos os bichos andam agora aos beijos, como namorados. Desça desse poleiro e venha receber o meu abraço de paz e amor.

— Muito bem! exclamou o galo. Não imagina como tal noticia me alegra! Que beleza vai ficar o mundo, limpo de guerras, crueldades e traições! Vou já descer para abraçar a amiga raposa, mas... como lá vêm vindo tres cachorros, acho bom espera-los, para que tambem eles tomem parte na confraternização.

Ao ouvir falar em cachorro dona Raposa não quis saber de historias, e tratou de pôr-se ao fresco, dizendo:

— Infelizmente, amigo Có-ri-có-có, tenho pressa e não posso esperar pelos amigos cães. Fica para outra vez a festa, sim? Até logo.

E raspou-se.

Contra esperteza, esperteza e meia.

— Pilhei a senhora num erro! gritou Narizinho. A senhora disse: "deixe estar que já te curo!" Começou com o Você e acabou com o Tu, coisa que os gramaticos não admitem. O "te" é do "Tu" não é do "Você"...

— E como queria que eu dissesse, minha filha?

— Para estar bem com a gramatica, a senhora devia dizer: “Deixa estar que eu já te curo!”

— Muito bem. Gramaticalmente é assim, mas na pratica não é. Quando falamos naturalmente, o que nos sai da boca é ora o você, ora o tu — e as frases ficam muito mais jeitosinhas quando ha essa combinação do você e do tu. Não acha?

— Acho, sim, vóvó, e é como falo. Mas a gramatica...

— A gramatica, minha filha, é uma criada da lingua e não uma dona. O dono da lingua somos nós, o povo — e a gramatica o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramatica. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramatica só tem uma coisa a fazer...

— Eu sei o que é que ela tem a fazer, vóvó! gritou Pedrinho. E' pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas...

Dona Benta aprovou.



Os dois Viajantes na Macacolândia

Dois viajantes, transviados no sertão, depois de muito andar alcançam o reino dos macacos. Ai deles! Guardas surgem na fronteira, guardas ferozes que os prendem, que os amarram e os levam á presença de S. Majestade Simão III.

El-rei examina-os detidamente, com macacal curiosidade, e em seguida os interroga:

— Que tal acham isto por aqui?

Um dos viajantes, diplomata de profissão, responde sem vacilar:

— Acho que este reino é a oitava maravilha do mundo. Sou viajadissimo, já andei por Séca e Méca, mas, palavra de honra! nunca vi gente mais formosa, côrte mais brilhante, nem rei de mais nobre porte do que Vossa Majestade.

Simão lambeu-se todo de contentamento e disse para os guardas:

— Soltem-no e deem-lhe um palacio para morar e a mais gentil donzela para esposa. E lavrem incontinenti

o decreto de sua nomeação para cavaleiro da mui augusta Ordem da Banana de Ouro.

Assim se fez e, enquanto o faziam, El-rei Simão, risonho ainda, dirigiu a palavra ao segundo viajante:

— E você? Que acha do meu reino?

Este segundo viajante era um homem neurastenico, azedo, amigo da verdade a todo o transe. Tão amigo da verdade que replicou sem demora:

— O que acho? E' bôa! Acho o que é!...

— E que é que é? interpelou Simão, fechando o sobrecenho.

— Não é nada. Uma macacalha... Macaco p'r'aqui, macaco p'r'ali, macaco no trono, macaco no pau...

— Pau nele! berra furioso o rei, gesticulando como um possesso. Pau de rachar nesse miseravel caluniador...

E o viajante neurastenico, arrastado dali por cem munhecas, entrou numa roda de lenha que o deixou moído por uma semana.

Quem for amigo da verdade, use couraça ao lombo.

— Tambem concordo, disse Pedrinho. A verdade a gente deve dizer com muitas cautelas e só nas ocasiões próprias. Aquela sova que o Quim da botica tomou outro dia, por que foi? Porque o bobo disse na cara do coronel Teodorico o que toda gente pensa dele pelas costas. O bobo do Quim disse o que pensava e levou um "pé-de-ouvido" que o deixou surdo por tres dias. E' o que ainda acaba acontecendo para a Emilia. Vai dizendo as verdades mais duras na cara de toda gente e um dia estrepa-se. Lembra-se, vóvó, do que ela disse para D. Quixote, naquela vez em que o heroi montou no Conselheiro por engano e ao perceber isso pôs-se a insultar o nosso burro? E se D. Quixote a espetasse com a lança?

— Emilia sabe o que faz, observou dona Benta. A esperteza chegou ali e parou. Ela sabia muito bem que o cavaleiro da Mancha era incapaz de ofender uma "dama" e porisso abusou...

Emilia rebolou-se toda ao ouvir-se classificada de dama...

A Menina do Leite

Laurinha, no seu vestido novo de pintas vermelhas, chinelos de bezerro, *tréc, tréc, tréc*, lá ia para o mercado com uma lata de leite á cabeça — o primeiro leite da sua vaquinha mocha. Ia contente da vida, rindo-se e falando sozinha.

— Vendo o leite, dizia, e compro uma duzia de ovos. Chóco os ovos e antes de um mês já tenho uma duzia de pintos. Morrem... dois, que sejam, e crescem dez — cinco frangas e cinco frangos. Vendo os frangos e crio as frangas, que crescem e viram cinco otimas botadeiras de duzentos ovos por ano cada uma. Cinco: mil ovos! Chóco tudo e lá me vem quinhentos galos e mais outro tanto de galinhas. Vendo os galos. A dois cruzeiros cada um — duas vezes cinco, dez... Mil cruzeiros!... Posso então comprar doze porcas de cria e mais uma cabrita. As porcas dão-me, cada uma, seis leitões. Seis vezes doze...

Estava a menina neste ponto quando tropeçou, perdeu o equilibrio e, com lata e tudo, caíu um grande tombo no chão.

Pobre Laurinha!

Ergueu-se chorosa, com um ardor de esfoladura no joelho; e enquanto espanejava as roupas sujas de pó viu sumir-se, embebido pela terra seca, o primeiro leite da sua vaquinha mocha, e com ele os doze ovos, as cinco botadeiras, os quinhentos galos, as doze porcas de cria, a cabritinha — todos os belos sonhos da sua ardente imaginação...

Emilia bateu palmas.

— Viva! Viva a Laurinha!... No nosso passeio ao País das Fabulas tivemos ocasião de ver essa historia formar-se — mas o fim foi diferente. Laurinha estava esperta e não derrubou o pote de leite, porque não carregava o leite em pote nenhum e sim numa lata de metal bem fechada. Lembra-se, Narizinho?

A menina lembrava-se.

— Sim, disse ela. Lembro-me muito bem. A Laurinha não derramou o leite e deixou a fabula errada. O certo é como vóvó acaba de contar.

— Está claro, minha filha, concordou dona Benta. E' preciso que Laurinha derrame o leite para que possamos extrair uma moralidade da historia.

— Que é moralidade, vóvó?

— E' a lição moral da historia. Nesta fabula da menina do leite a moralidade é que não devemos contar com uma coisa antes de a termos conseguido...



A Rã Sabia

Como a onça estivesse para casar-se, os animais todos andavam aos pulos, radiantes, com olho na festa prometida. Só uma velha rã sabidona torcia o nariz áquilo.

O marreco observou-lhe o trejeito e disse:

— Grande enjoada! Que cara feia é essa, quando todos nós pinoteamos alegres no antegoso do festão?

— Por um motivo muito simples, respondeu a rã. Porque nós, como vivemos quietas, a filosofar, sabemos muito da vida e enxergamos mais longe do que vocês. Responda-me a isto: se o sol se casasse e em vez de torrar o mundo sozinho o fizesse ajudado por dona sol e por mais varios sois filhotes? Que aconteceria?

— Secavam-se todas as aguas, está claro.

— Isso mesmo. Secavam-se as aguas e nós, rãs e peixes, levaríamos a bréca. Pois calamidade semelhante vai cair sobre vocês. Casa-se a onça, e já de começo será ela e mais o marido a perseguirem os animais. Depois aparecem as oncinhas — e os animais terão que aguentar com a fome de toda a familia. Ora, se um só apetite já

nos faz tanto mal, que será quando forem tres, quatro e cinco?

O marreco refletiu e concordou:

— E' isso mesmo...

Peor que um inimigo, dois; peor que dois, tres...

— Esta fabula nos mostra, disse dona Benta, que quem só enxerga um palmo adiante do nariz está desgraçado. As creaturas verdadeiramente sabias olham longe. Antes de fazer uma coisa, refletem em todas as consequencias futuras de seu ato.

— Eu enxergo cem metros adiante do meu nariz! gabou-se Emilia.

Narizinho fez um muxoxo.

— Gabola! Vóvó já disse que louvor em boca propria é vituperio.

— Mas é verdade! insistiu Emilia. Naquele caso da compra das fazendas para aumentar o sitio do Picapau Amarelo, quem viu mais longe? Dona Benta, Pedrinho ou eu? Eu...

— Perfeitamente, não nego, disse a menina. Mas o feio é andar se gabando. Espere que os outros te gabem. Posso dizer assim, vóvó — “espere que os outros te gabem?”

Dona Benta riu-se.

— Pode, minha filha, porque não ha nenhuma gramatica por perto...



O Veado e a Moita

Perseguido pelos caçadores, um pobre veado escondeu-se bem quietinho dentro de cerrada moita. O abrigo era seguro, e tanto que por ele passaram os cães sem perceberem coisa nenhuma.

Salvou-se o veado; mas, ingrato e imprudente, logo que ouviu latir ao longe o perigo esqueceu o benefício e pastou a benfeitora — comeu toda a folhagem que tão bem o escondera.

Fez e pagou.

Dias depois voltaram novamente os caçadores. O veado correu em procura da moita — mas a pobre moita, sem folhas, reduzida a varas, não pôde mais escondê-lo, e o triste animalzinho acabou estraçalhado pelos dentes dos cães impiedosos.

— Bravos, vóvó! aplaudiu Narizinho. A senhora botou nessa fabula duas belezas bem lindinhas.

— Quais, minha filha?

— Aquele “ouviu latir ao longe o perigo”, em vez de ouviu latir ao longe os cães; e aquele “pastou a benfeitora” em vez de pastou a moita. Se tia Nastacia estivesse aqui, dava á senhora uma cocada.

Dona Benta riu-se.

— Pois essas “belezinhas” são uma figura de retorica que os gramaticos xingam de *sinédoque*...

— Eu sei o que é isso; berrou Emilia. E’ “sem” com um pedaço de bodoque.

Ninguém entendeu. Emilia explicou:

— *Sine* quer dizer “sem”. Quando o visconde quer dizer “sem dia marcado”, ele diz “sine die”. E’ um latim. E “doque” é um pedaço de bodoque...

— Parece que é assim mas não é, Emilia, explicou dona Benta. Sinédoque é a synedoché dos gregos, e quer dizer compreensão.

— E que tem a compreensão com as duas belezinhas? quis saber a menina.

— Tem que falando em “perigo” em vez de cães, e em “benfeitora” em vez de moita, toda gente compreende a troca das palavras — e fica a tal belezinha que você achou. A sinédoque troca a parte pelo todo, como quando dizemos “velas” em vez de “navios”; ou troca o genero pela especie, como quando dizemos “os mortais” em vez de “os homens”; ou troca uma coisa pela qualidade da coisa, como quando dizemos “perigo” em vez de “cães” e “benfeitora” em vez de “moita”.

— E para que serve isso? perguntou Narizinho.

— Para enfeitar o estilo.

— Mas a senhora mesma não disse que o estilo muito enfeitado, muito floreado, é feio?

— Sim. Quando é *muito* enfeitado fica feio e de mau gosto, mas se aparece discretamente enfeitado fica bem bonitinho. Se você vai á vila com uma flor no peito, fica linda como uma sinédoque. Mas se se enfeitar demais, fica apalhaçada e revela mau gosto. Tudo na vida depende da justa medida; nem mais, nem menos; antes menos do que mais.

— Então é o tal usar e não abusar, lembrou a menina.

— Isso mesmo. Discreção é isso.

Narizinho, que era uma menina muito discreta, compreendeu perfeitamente.

O Sabiá e o Urubú

Era á tardinha. Morria o sol no horizonte enquanto as sombras se alongavam na terra. Um sabiá cantava tão lindo que até as laranjeiras pareciam absortas á escuta.

Estorce-se de inveja o urubú e queixa-se:

— Mal abre o bico este passarinho e o mundo se enleva. Eu, entretanto, sou um espantelho de que todos fogem com repugnancia... Se ele chega, tudo se alegra; se eu me aproximo, todos recuam... Ele, dizem, traz felicidade; eu, mau agouro. A natureza foi injusta e cruel para comigo. Mas está em mim corrigir a natureza; mato-o, e desse modo me livro da raiva que seus gorgeios me provocam.

Pensando assim, aproximou-se do sabiá, que ao vê-lo armou as asas para a fuga.

— Não tenha medo, amigo! Venho para mais perto a fim de melhor gozar as delicias do canto. Julga que por ser urubú não dou valor ás obras primas da arte? Vamos lá, cante! Cante ao pé de mim aquella melodia com que ha pouco você extasiava a natureza.

O ingenuo sabiá deu credito áqueles mentirosos gransos e permitiu que dele se aproximasse o traiçoeiro urubú. Mas este, logo que o pilhou ao alcance, deu-lhe tamanha bicada que o fez cair moribundo.

Arquejante, com os olhos já envidrados, geme o passarinho:

— Que mal fiz eu para merecer tanta ferocidade?

— Que mal fez? E' boa! Cantou!... Cantou divinamente bem, como nunca urubú nenhum ha de cantar. Ter talento: eis o grande crime!...

A inveja não admite o merito.

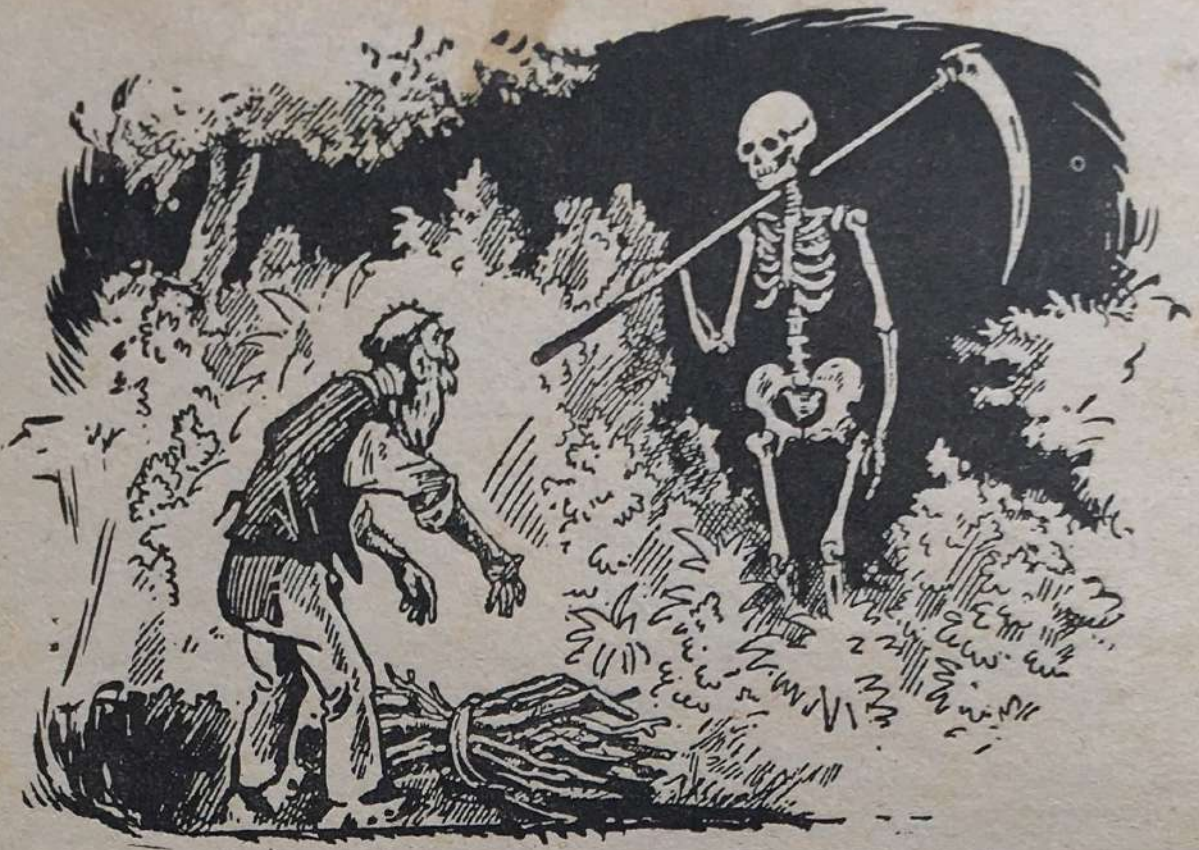
Dona Benta suspirou e disse:

— Está aqui outra fabula muito dolorosa, meus filhos. Põe em foco a inveja — o sentimento peor que existe. A maior parte das desgraças do mundo vem da inveja, e creio que não ha sentimento mais generalizado. A inveja não admite o merito — e difama, calunia, procura destruir a creatura invejada. Felizmente é coisa que não vejo aqui por casa.

— Engano, seu, dona Benta! berrou Emilia. Às vezes bem que me invejam...

— Quem inveja você, bobinha?

— Gentes... respondeu Emilia fazendo um muxoxo de indireta...



A Morte e o Lenhador

Um velhinho, muito velho, vivia de tirar lenha na mata. Os feixes, porém, cada vez lhe pareciam mais pesados. Tropicava com eles, quasi caía, e um dia, caíndo de verdade, perdeu a paciencia e lamentou-se amargamente:

— Antes morrer! De que me vale a vida, se nem com este miseravel feixe posso? Vem, ó Morte, vem aliviar-me do peso desta vida inutil.

Tentou erguer a lenha. Não pôde e, desanimado, invocou pela segunda vez a Magra.

— Por que demoras tanto, Morte? Vem, já pedi, vem aliviar-me do fardo da vida. Andas pelo mundo a colher criancinhas e esqueces de mim que te chamo...

A Morte foi e apareceu — horrenda, escaveirada, com os ossos a chocalharem e a foice na mão.

Ao vê-la de perto o homem estremeceu de pavor, e mais ainda quando a Magra lhe disse, batendo os ossos do queixo:

— Cha-mas-te-me; a-qui es-tou!

O velho tremia, suave... E para sair-se dos apuros só teve esta:

— Chamei-te, sim, mas para me ajudares a botar esta lenha às costas...

— Não gosto desta fabula, disse a menina, porque aparece uma Morte muito feia. Eu não queria que pintassem a morte assim, com o alfange de cortar grama ao ombro, com a caveira em vez de cara e aquele lençol embrulhando o esqueleto...

— Você tem razão, minha filha. Essa imagem da morte é coisa da Idade Media, o tempo mais tragico e triste da Historia. A Morte não é nada disso. E' um bem. E' um remedio. E' o Grande Remedio. Quando um doente está sofrendo na maior agonia, a Morte vem como o fim da dor.

— Morte de que eu gosto, disse Pedrinho, é aquela dos americanos...

Ninguem entendeu. Ele explicou.

— Lembram-se daquela fita que vimos no cinema, HORAS ROUBADAS? A Morte era Mister Ceifas, um moço muito elegante e delicado, mas de rosto impassivel. Entrou naquele jardim e com um gesto muito amavel convidou o velho entrevado a ir com ele. O velho não quis. Mister Ceifas não se aborreceu. Ficou por ali. De repente, o velho quis morrer e então Mister Ceifas aproximou-se, sempre com aquela gentileza, e estendeu-lhe a mão. E o velho ergueu-se da cadeira de rodas, leve como se fosse um moço, e lá se foi pela mão de Mister Ceifas... Que beleza! Eu gostei tanto que perdi o medo da morte. Se ela é assim, que venha buscar-me. Sairei pela mão de Mister Ceifas tal qual aquele velho — feliz, sorrindo e gosando a beleza das paisagens do outro mundo...

O Util e o Belo

Parou um veado á beira do rio, mirando-se no espelho das aguas. E refletiu:

— Bem mal feito de corpo que sou! A cabeça é linda, com estes formosos chifres que todos os animais invejam. Mas as pernas... Muito finas, muito compridas. A natureza foi injusta comigo. Antes me dêsse menos pernas e mais galharada na cabeça. Que lindo diadema seria! Com que orgulho eu passearia pelos bosques ostentando um enfeite unico em toda a animalidade!...

Neste ponto interrompe-o o latido dos veadeiros, valentes cães de caça que lhe vinham na pista, como relampagos.

O veado dispara, foge á toda e embrenha-se na floresta. E enquanto corria pôde verificar quão sabia fôra a natureza dando-lhe mais pernas do que chifres, porque estes, com toda a sua formosura, só serviam para enroscar-se nos cipós e atrapalhar-lhe a fuga; e aquelas, apesar de toda a feiura, constituíam a sua unica segurança. E mudou de ideia, convencido de que antes mil vezes pernas finas, mas velocissimas, do que formosa, mas inutil galhaça.

— Se os chifres desse veado só serviam para enfeite, então a fabula está certa, disse Emilia. Mas quando um chifre é como o do Quindim, ah, então vale ainda mais do que pernas. Quindim nem sabe correr, porque não precisa fugir. Em vez de fugir na volada, como as lebres e os veadinhos, ele faz *muuuu!*... e espeta o inimigo.

— E que é, Emilia, que você acha melhor, perguntou Narizinho — o util ou o belo?

— Acho melhor os dois encangados, assim como uma especie de banana inconha. Util e belo ao mesmo tempo. Por que é que uma coisa util deve ser feia? Não ha razão.



As Aves de Rapina e os Pombos

A guerra dos rapinantes — quando isto foi? Ha seculos. Ha mil anos. Mas foi guerra tão terrivel que até hoje se fala nela.

Brigaram as aves de rapina — aguias, abutres gaviões, milhafres, por causa de um veadinho novo. E separaram-se em campos contrarios, rompidos em guerra franca. Durante meses o azul do ceu virou arena de luta. Ora duelos singulares; ora ataques de um bando contra outro; ora um grupo que agredia um inimigo escoteiro.

E adeus, paz do azul! Volta e meia era um corpo que caía, espedaçado a unhaços; ou penas que desciam em espirais, ou gotas de sangue a pingar.

As aves pacificas da terra, assustadas com aqueles horrores, deliberaram intervir. E escolheram como mensageira a pomba.

— Vá você, que é a sinaleira da paz, e reduza á razão aqueles loucos furiosos.

A pombinha foi conferenciar com os chefes, e com tanta eloquencia falou que eles a ouviram e assinaram um tratado, comprometendo-se a nunca mais se devorarem uns aos outros.

Mas o que depois disso succedeu degenerou em calamidade para os apaziguadores. Harmonizados entre si, os rapinantes pouparam-se uns aos outros, mas deram de empregar toda a força dos bicos e todo o fio das unhas contra as pobres pombas. E foi uma chacina sem treguas que dura até hoje e durará eternamente.

E as pombinhas entraram a murmurar, num queixume triste:

— Que tolíce a nossa, de restabelecer a harmonia entre os rapinantes! A boa politica mandava fazer justamente o contrario — dividi-los ainda mais...

— Houve mesmo essa guerra, dona Benta? perguntou tia Nascacia, que vinha entrando com um prato de pés-de-moleque ainda quentinhos. Judiação, as malvadas matarem as pombinhas...

Emilia pôs as mãos na cintura.

— Que graça, esta assassina achar judiação aguia matar pombas! Quem é que hontem torceu o pescoço do frango carijó? Quem é que a semana passada matou aquele leitãozinho? Quem é que...

— Pare, Emilia! disse dona Benta. Você está se afastando muito da fabula. Quero saber qual é a moralidade do caso das aves de rapina e as pombas.

Pedrinho gritou:

— Eu sei, vóvó! Dividir é enfraquecer — não é isso mesmo?

O Burro na Pele do Leão

Certo burro de ideias, cansado de ser burro, delibrou fazer-se leão.

— Mas como, estúpida criatura?

— Muito bem. Ha ali uma pele de leão. Visto-a e pronto! Viro leão!

Assim fez. Vestiu-a e pôs-se a caminhar pela floresta, majestosamente, convencido de que era o rei dos animais.

Não demorou muito e apareceu o dono.

— Vou pregar-lhe o maior susto da vida, pensou lá consigo o animalejo — e lançando-se á frente do homem desferiu formidavel urro. Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro.

O homem desconfiou.

— Leão que zurra!... Que historia é esta?

Firmou a vista e logo notou que o tal leão tinha orelhas de asno.

— Leão que zurra e tem orelhas de asno ha de ser na certa o raio do Cuitelo que me fugiu hontem do pasto. Grandississimo velhaco! Espera aí...

E agarrou-o. Tirou-lhe a pele de leão, dobrou-a, fez dela um pelego e, montando no pobre bicho, tocou-o para casa no trote.

— Toma, leão duma figa! Toma... e pregava-lhe valentes lambadas.

Quem vestir pele de leão, nem zurre nem deixe as orelhas de fora.

— Bravos! gritou Pedrinho batendo palmas. Está aí uma fábula que acho muito pitoresca. Gostei.

— Pois eu não gostei, berrou Emilia, porque trata com desprezo um animal tão inteligente e bom como o burro. Por que é que esse fabulista fala em “estúpida creatura?” E por que chama o pobre burro de “animalejo?” Animalejo é a avó dele...

— Emilia! repreendeu dona Benta. Mais respeito com a avó dos outros.

— E' que não suporto essa mania de insultar um ente tão sensato e precioso como é o burro. Quando um homem quer xingar outro, diz: “Burro! Você é um burro!” e no entanto ha burros que são verdadeiros Socrates de filosofia, como o Conselheiro. Quando um homem quizer xingar outro, o que deve dizer é uma coisa só: “Você é um homem, sabe? Um grandississimo homem!” Mas chamar de burro é, para mim, o maior dos elogios. E' o mesmo que dizer: “Você é um Socrates! Você é um grandississimo Socrates...”



A Raposa sem Rabo

Certa raposa caiu numa armadilha. Debateu-se, gemeu, chorou e finalmente conseguiu fugir, embora deixando na ratoeira a sua linda cauda. Pobre raposa! Andava agora triste, sorumbatica, sem coragem de aparecer diante das outras, com receio de vaia.

Mas de tanto pensar no seu caso teve a ideia de convocar o povo raposeiro para uma grande reunião.

— Assunto gravissimo! explicou ela. Assunto que interessa a todos os animais.

Reuniram-se as raposas e a derrabada, tomando a palavra, disse:

— Amigas, respondam-me por obsequio: que serventia tem para nós a cauda? Bonita não é, util não é, honrosa não é... Por que, então, continuarmos a trazer este grotesco apêndice às costas? Fora com ele! Derrabemo-nos todas e fiquemos graciosas como as preás.

As ouvintes estranharam aquelas ideias e, matreiras como são, suspeitaram qualquer coisa. Ergueram-se do seu lugar e, dirigindo-se á oradora, pediram:

— Muito bem. Mas cortaremos primeiro a sua. Vire-se para cá, faça o favor...

A pobre raposa, desapontada, teve de obedecer á intimação. Voltou-se de costas.

Foi uma gargalhada geral.

— Está explicado o empenho dela em nos fazer *mais* bonitas. Fora! Fora com a derrabada!...

E correram-na dali.

— Isso é bem certo, disse dona Benta. Se uma pessoa que tem um defeito conseguisse que o mundo inteiro também tivesse o mesmo defeito, que acontecia, Pedrinho?

— Acontecia que quem não tivesse o tal defeito é que era o defeituoso.

— Exatamente. Ha certos lugarejos aí pelo sertão em que todos os moradores ficam com uns enormes papos. Um dia um viajante entrou na casa duma familia de papudos e viu na parede o retrato de um moço sem papo. “Quem é ele?” perguntou. E a dona da casa respondeu: “Ah, esse é o meu filho Totonho, no tempo em que era *defeituoso*”. “E agora não é mais?” perguntou o viajante. “Felizmente sarou”, respondeu a papuda. “Está já com o pescoço bem cheio, como o meu” — e alisou com a mão aquela papeira lustrosa...

O Perú Medroso

Gordo Perú e lindo galo costumavam empoleirar-se na mesma arvore. A raposa os avistou certo dia e veio vindo contente, a lamber os beiços como quem diz: “Temos petisco hoje!”

Chegou. Ao avista-la o Perú leva tamanho susto que por um triz não cai da arvore. Já o galo o que fez foi rir-se; e como sabia que trepar á arvore a raposa não trepava, fechou os olhos e adormeceu.

O Perú, coitado, medroso como era, tremia como varas verdes e não tirava do inimigo os olhos.

— O galo não apanho, mas este Perú cai-me no papo já... pensou consigo a raposa.

E começou a fazer caretas medonhas, a dar pinotes, a roncar, a trincar os dentes, dando a impressão duma raposa louca. Pobre Perú! Cada vez mais apavorado, não perdia de vista um só daqueles movimentos. Por fim tonteou, caiu do galho e veio ter aos dentes da raposa faminta.

— Estupido, animal! exclamou o galo acordando. Morreu por excesso de cautelas. Tanta atenção prestou aos arreganhos da raposa, tanto atendeu aos perigos, que lá se foi, catrapús...

A prudencia manda não atentar demais nos perigos

— Eu conheci um homem assim, disse dona Benta. Tomava um milhão de precauções para evitar males. Só bebia água filtrada. Andava pelo meio da rua para evitar que lhe caísse sobre a cabeça os vasos de flor das janelas. Desinfetava as mãos sempre que dizia adeus a alguém...

— E que fim levou esse homem, vóvó?

— Morreu de um desastre de aviação.

— Mas se ele tinha tanto medo de tudo, como teve coragem de voar?

— Ele não estava voando, meu filho. O avião caiu em cima dele, na rua.



O Leão, o Lobo e a Raposa

Um leão muito velho e já caduco andava morre não morre.

Mas, apegado á vida e sempre esperançado, deu ordem aos animais para que o visitassem e lhe ensinassem remedios.

Assim aconteceu. A bicharia inteira desfilou diante dele, cada qual com um remedio ou um conselho.

Mas a raposa? Por que não vinha?

— Eu sei, disse um lobo intrigante, inimigo pessoal da raposa. Ela é uma finoria, acha que Vossa Majestade morre logo e é bobagem andar a perder tempo com cacos de vida.

Enfureceu-se o leão e mandou buscar a raposa debaixo de vara.

— Então é assim que me trata, ó vilissimo animal? Esquece de que eu sou o rei da floresta?

A raposa interrompeu-o:

— Perdão, Majestade! Se não vim até agora é que andava em peregrinação pelos oraculos, consultando-os a

respeito da doença que abate o animo do meu querido rei. E não perdi a viagem, visto como trago a unica receita capaz de produzir melhoras na real saude de Vossa Magestade.

— Diga lá o que é, ordenou o leão, já calmo.

— E' combater a frialdade que entorpece os vossos membros com um "capote de lobo".

— Que é isso?

— Capote de lobo é uma pele ainda quente de lobo escorchado na horinha. E como está aqui mestre lobo, súdito fiel de Vossa Magestade, vai ele sentir um prazer imenso em emprestar a pele ao seu real senhor.

O leão gostou da receita, escorchou o lobo, embrulhou-se na pele fumegante e inda por cima lhe comeu a carne.

A raposa, vingada, retirou-se, murmurando:

— Toma! Para intrigante, intrigante e meio..

— Bem feito! exclamou Emilia. Essa raposa merece um doce. E com certeza o tal lobo era aquele que comeu a avó de Capinha Vermelha...

— Boba! Aquele foi morto a machadadas pelo lenhador, disse Narizinho.

— Eu sei, tornou Emilia, mas nas historias a matança nunca é completa. Nunca o morto fica bem matado — e volta a si outra vez. Você bem viu no caso do Capitão Gancho. Quantas vezes Peter Pan deu cabo dele? E o capitão Gancho continua cada vez mais gordo e ganchudo.

— Por que é, vóvó, que em todas as historias a raposa sai sempre ganhando? quís saber Pedrinho.

— Porque a raposa é realmente astuta. Sabe defender-se, sabe enganar os inimigos. Porisso, quando um homem quer dizer que outro é muito habil em manhas, diz: "Fulano de Tal é uma verdadeira raposa!" Aqui nesta fabula você viu com que arte ela virou contra o lobo o perigo que a ameaçava. Ninguem pode com os astutos.

O Sabiá na Gaiola

Lamentava-se na gaiola um velho sabiá.

— Que triste destino o meu, nesta prisão toda a vida... E que saudades dos bons tempos de outrora, quando minha vida era um continuo pular de galho em galho em procura das laranjas mais belas... Madrugador, quem primeiro saudava a luz da manhã era eu, como era eu o ultimo a despedir-me do sol á tardinha. Cantava e era feliz...

Um dia, traíçoeiro visgo me ligou os pés. Esvoacei, debati-me em vão, e vim acabar nesta gaiola horrivel, onde saudoso choro o tempo da liberdade. Que triste destino o meu! Haverá no mundo maior desgraça?

Nisto abre-se a porta da sala e entra o caçador, de espingarda ao hombro e uma fieira de passaros na mão.

Ante o espetaculo das miseras avezinhas estraçalhadas a tiro, gotejantes de sangue, algumas ainda em agonia, o sabiá estremeceu.

E horripilado verificou não ser dos mais infelizes, pois que vivia e ainda não perdera a esperança de recobrar a liberdade de outrora.

Refletiu sobre o caso e murmurou consigo:

— Antes penar que morrer...

— Será verdade isso, vóvó? Será certo esse “antes penar que morrer?”

— Depende da ideia que a gente faz da morte, minha filha. Quem a considera um Mr. Ceifas, ah, esse prefere a amavel visita de Mr. Ceifas ao tal penar.

— E que é penar?

— E' sofrer dor prolongada, é sofrer um castigo, uma pena.

— Mas como é que pena é ao mesmo tempo dor e aquilo das aves? Isso atrapalha a gente. Emilia, quando ainda era uma coitadinha que estava decorando as palavras, uma vez confundiu as duas penas — a pena dor e a pena pena, e veio da cozinha dizendo: "Tia Nastacia está contando para o visconde que para *pena* de costas o melhor remedio é passar iodo com uma *dor* de galinha". Ela havia trocado as bolas...

— São coisas do latim, minha filha. Nessa lingua havia duas palavras parecidas: *poena* e *penna*. A primeira virou em nossa lingua "pena" — pena-dor; e a segunda ficou *penna* mesmo — a tal das aves.

— E depois a *penna* das aves perdeu uma peninha e virou *pena* com um *n* só, igual á pena-dor, concluiu Emilia, e agora está aí, está aí, está aí...

— Está aí o que, Emilia?

— Está aí um grande embrulho...



Qualidade e Quantidade

Meteu-se um mono a falar numa roda de sabios e tais asneiras disse que foi corrido a pontapés.

— Que? exclamou ele. Enxotam-me daqui? Negam-me talento? Pois hei de provar que sou um grande figurão e vocês não passam duns idiotas.

Enterrou o chapéu na cabeça e dirigiu-se á praça publica onde se apinhava copiosa multidão de beocios. Lá trepou em cima duma pipa e pôs-se a declamar. Disse asneiras como nunca, tolices de duas arrobas, besteiras de dar com um pau. Mas como gesticulava e berrava furiosamente, o povo em delirio o aplaudiu com palmas e vivas — e acabou carregando-o em triunfo.

— Viram? resmungou ele ao passar ao pé dos sabios. Reconheceram a minha força? Respondam-me agora: que vale a opinião de vocês diante desta vitoria popular? Um dos sabios retrucou serenamente:

— *A opinião da qualidade despreza a opinião da quantidade.*

— Nada mais certo, meus filhos, disse dona Benta. Logo que os homens se reúnem em multidão, o nível mental baixa muito. Quanto maior a multidão, mais baixo o nível mental. Porisso é que os sabios têm tanto medo ás multidões.

— A senhora já nos contou aquele caso lá da Grecia, lembra-se?

— Sim, o caso do orador que estava fazendo um discurso para o povo. De repente rebentaram tremendos aplausos. O orador voltou-se para um amigo ao lado: “Será que eu disse alguma asneira?”



O Cão e o Lobo

Um lobo muito magro e faminto, todo pele e ossos, pôs-se um dia a filosofar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, de pêlo fino e lustroso.

Espicaçado pela fome, o lobo teve impetos de atirar-se a ele. A Prudencia, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: — “Cuidado! Quem se mete a lutar com um cão desses sai perdendo”.

O lobo aproximou-se do cão com todas as cautelas e disse:

— Bravos! Palavra de honra que nunca vi um cão mais gordo nem mais forte. Que pernas rijas, que pêlo macio! Vê-se que o amigo se trata...

— E' verdade! respondeu o cão. Confesso que tenho um tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, suponho que você pode levar a mesma boa vida que levo...

— Como?

— Basta que abandone esse viver errante, esses hábitos selvagens e se civilize, como eu.

— Explique-me lá isso por miudo, pediu o lobo com um brilho de esperança nos olhos.

— E' facil. Eu apresento você ao meu senhor. Ele, está claro, simpatiza-se e dá a você o mesmo tratamento que dá a mim: bons ossos de galinha, restos de carne, um canil com palha macia. Além disso, agrados, mimos a toda hora, palmadas amigas, um nome.

— Aceito! respondeu o lobo. Quem não deixará uma vida miseravel como esta por uma de regalos assim?

— Em troca disso, continuou o cão, você guardará o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradará ao senhor e á sua familia, sacudindo a cauda e lambendo a mão de todos.

— Fechado! resolveu o lobo — e emparelhando-se com o cachorro partiu á caminho da casa. Logo, porém, notou que o cachorro estava de coleira.

— Que diabo é isso que você tem no pescoço?

— E' a coleira.

— E para que serve?

— Para me prenderem á corrente.

— Então não é livre, não vai para onde quer, como eu?

— Nem sempre. Passo ás vezes varios dias preso, conforme a veneta do meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem á hora certa?

O lobo entreparou, refletiu e disse:

— Sabe do que mais? Até logo! Prefiro viver magro e faminto, porém livre e dono do meu focinho, a viver gordo e liso como você, mas de coleira ao pescoço. Fique-se lá com a sua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de lobo livre.

E afundou no mato.

— Fez muito bem! berrou Emilia. Isso de coleira o diabo queira...

Narizinho bateu palmas.

— E não é que ela fez um versinho, vóvó?" Isso de coleira, o diabo queira..." Bonito, hein?...

— Bonito e certo, continuou Emilia. Eu sou como esse lobo. Ninguém me segura. Ninguém me bota coleira. Ninguém me governa. Ninguém me...

— Chega de "mes", Emilia. Vóvó está com cara de querer falar sobre a liberdade.

— Talvez não seja preciso, minha filha. Vocês sabem tão bem o que é liberdade que nunca me lembro de falar disso.

— Nada mais certo, vóvó! gritou Pedrinho. Este seu sitio é o suco da liberdade; e se eu fosse refazer a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo.

— Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não ha coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como ha coleiras espalhadas pelo mundo!



O Corvo e o Pavão

O pavão, de roda aberta em forma de leque, dizia com desprezo ao corvo:

— Repare como sou belo! Que cauda, hein? Que cores, que maravilhosa plumagem! Sou das aves a mais formosa, a mais perfeita, não?

— Não ha duvida que você é um belo bicho, disse o corvo. Mas, perfeito? Alto lá!

— Quem quer criticar-me! Um bicho preto, capenga, desgraçado e, além disso, ave de mau agouro... Que falha você vê em mim, ó tição de penas?

O corvo respondeu:

— Noto que para abater o orgulho dos pavões a natureza lhes deu um par de patas que, faça-me o favor, envergonhariam até a um pobre diabo como eu...

O pavão, que nunca tinha reparado nos próprios pés, abaixou-se e contemplou-os longamente. E, desapontado, foi andando o seu caminho sem replicar coisa nenhuma.

Tinha razão o corvo: *não ha beleza sem senão.*

— Que quer dizer “senão”, vóvó?

— Aqui nesta frase quer dizer defeito.

— E por que senão é defeito?

— Porque o modo de botar um defeito nalgum ou nalguma coisa era sempre por meio do “senão” — e por fim essa palavra ficou sinonima de defeito. “Fulana seria muito bonitinha, senão fosse aquele nariz de coruja”. “Este doce estaria ótimo, senão fosse estar doce demais” — e assim por diante.

— Mas é verdade, vóvó, que não ha mesmo beleza sem senão?

— A fabula diz que não ha e as fabulas sabem...

— São sabidissimas, sim! confirmou Emilia. E a dos filhos da coruja é a mais sabida de todas. Quem é que andou inventando as fabulas, dona Benta? Foram os animais mesmo?

Dona Benta riu-se.

— Não, Emilia. Quem inventou a fabula foi o povo e os escritores as foram aperfeiçoando. A sabedoria que ha nas fabulas é a mesma sabedoria do povo, adquirida á força de experiencias.

— Mas não haverá mesmo beleza sem senão, vóvó? insistiu a menina.

— Ha, sim, minha filha. Para mim, por exemplo, você é uma belezinha sem senão.

Emilia torceu o nariz. Depois prometeu escrever uma fabula com o titulo: “Os Netos da Coruja”.



Os Animais e a Peste

Em certo ano terrível de peste entre os animais, o leão, muito apreensivo, consultou um mono de barbas brancas.

— Esta peste é um castigo do ceu, respondeu o mono, e o remédio é aplacarmos a colera divina sacrificando aos deuses um de nós.

— Qual? perguntou o leão.

— O mais carregado de crimes.

O leão fechou os olhos, concentrou-se e, depois duma pausa, disse aos suditos reunidos em redor:

— Amigos! E' fóra de duvida que quem deve sacrificar-se sou eu. Cometi grandes crimes, matei centenas de veados, devorei inumeras ovelhas e até varios pastores. Ofereço-me, pois, para o sacrificio necessario ao bem comum.

A raposa adiantou-se e disse:

— Acho conveniente ouvir a confissão das outras feras. Porque, para mim, nada do que Vossa Majestade

alegou constitue crime. Matar veados — desprezíveis criaturas; devorar ovelhas — mesquinhos bichos de nenhuma importancia; trucidar pastores — raça vil merecedora de exterminio! Nada disto é crime. São coisas até que muito honram o nosso virtuosissimo rei leão.

Grandes aplausos abafaram as ultimas palavras da bajuladora — e o leão foi posto de lado como improprio para o sacrificio.

Apresenta-se em seguida o tigre e repete-se a cena. Acusa-se ele de mil crimes, mas a raposa prova que tambem o tigre era um anjo de innocencia.

E o mesmo aconteceu com todas as outras feras.

Nisto chega a vez do burro. Adianta-se o pobre animal e diz:

— A consciencia só me acusa de haver comido uma folha de couve da horta do senhor vigario.

Os animais entreolham-se. Era muito sério aquilo. A raposa toma a palavra.

— Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrivel o que ele nos conta, que é inutil prosseguirmos na investigação. A vitima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pode haver crime maior do que furtar a sacratissima couve do senhor vigario.

Toda a bicharia concordou e o triste burro foi unanimemente eleito para o sacrificio.

Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseraveis nada se perdoa.

— Viva! Viva!... Esta é a fabula do Burro Falante — e Pedrinho recordou todos os incidentes daquele dia lá no País das Fabulas. Essa historia estava se desenvolvendo, e no instante em

que as feras iam matar o pobre burro o Peninha derrubou do alto do morro uma enorme pedra sobre as fuças do leão.

— Salvamos o Conselheiro, disse Emilia, mas o fabulista pegou um segundo burro para poder completar a fabula. Pobre segundo burro!... e Emilia suspirou.

— Esta fabula me parece muito boa, vóvó, opinou Narizinho.

— E é, minha filha. Retrata as injustiças da justiça humana. A tal justiça humana é implacavel contra os fracos e pequeninos — mas não é capaz de pôr as mãos num grande, num poderoso.

— Falta um Peninha que dê com pedras do tamanho do Corcovado no focinho do Leão da Injustiça...

O Carreiro e o Papagaio

Vinha um carreiro á frente dos bois, cantarolando pela estrada sem fim. Estrada de lama.

Em certo ponto o carro atolou.

O pobre homem aguilhoa os bois, dá pancadas, grita; nada consegue e põe-se a lamentar a sorte.

— Desgraçado que sou! Que fazer agora, sozinho neste deserto? Se ao menos São Benedito tivesse dó de mim e me ajudasse...

Um papagaio escondido entre as folhas condeu-se dele e, imitando voz de santo, começou a falar:

— Os ceus te ouviram, amigo, e Benedito em pessoa aqui está para o ajutorio que pedes.

O carreiro, num assombro, exclama:

— Obrigado, meu santo! Mas onde estás que não te vejo?

— Ao teu lado. Não me vêes porque sou invisível. Mas, vamos, faze o que mando. Toma da enxada e cava aqui. Isso. Agora a mesma coisa do outro lado. Isso. Agora vais cortar uns ramos e estivar o sulco aberto. Isso. Agora vais aguilhoar os bois.

O carreiro fez tudo como o papagaio mandou e com grande alegria viu desatolar-se o carro.

— Obrigado, meu santo! exclamou ele de mãos postas. Nunca me hei de esquecer do grande socorro prestado, pois que sem ele eu ficaria aqui toda a vida.

O papagaio achou muita graça na ingenuidade do homem e papagueou, como despedida, um velho rifão popular:

Ajuda-te, que o ceu te ajudará.

— Como são sabidinhos esses bichos das fabulas! Este papagaio, então, está um suco!

— Suco de que, minha filha? perguntou dona Benta.

— De sabedoria, vóvó! O meio da gente se sair duma dificuldade é sempre esse — lutar, lutar...

— Eu sei de outro muito melhor, disse Emilia. Dez vezes melhor. . .

A menina admirou-se.

— Qual é, Emilia?

— E' quando todos estão desesperados e tontos, sem saber o que fazer, voltarem-se para mim e: "Emilia, acuda!" e eu vou e aplico o faz-de-conta e resolvo o problema. Aqui nesta casa ninguém luta para resolver as dificuldades; todos apelam para mim...

— E você manda o visconde. Sem o faz-de-conta e o visconde ela não se arranja.

— Mas o caso é que os problemas se resolvem. E' ou não? Narizinho teve que concordar que era.



O Macaco e o Gato

Simão, o macaco, e Bichano, o gato, moram juntos na mesma casa. E pintam o sete. Um furta coisas, remexe gavetas, esconde tesourinhas, atormenta o papagaio; outro arranha os tapetes, esfiapa as almofadas e bebe o leite das crianças.

Mas, apesar de amigos e socios, o macaco sabe agir com tal maromba que é quem sai ganhando sempre.

Foi assim no caso das castanhas.

A cozinheira pusera a assar nas brazas umas castanhas e fôra á horta colher temperos. Vendo a cozinha vazia, os dois malandros se aproximaram. Disse o macaco:

— Amigo Bichano, você, que tem uma pata jeitosa, tire as castanhas do fogo.

O gato não se fez insistir e com muita arte começou a tirar as castanhas.

— Pronto, uma...

— Agora aquela de lá... Isso. Agora aquela gorducha... Isso. E mais a da esquerda, que estalou...

O gato as tirava, mas quem as comia, gulosamente, piscando o olho, era o macaco...

De repente, eis que surge a cozinheira, furiosa, de vara na mão.

— Espere aí, diabada!...

Os dois gatunos sumiram-se aos pinotes.

— Boa peça, hein? disse o macaco lá longe.

O gato suspirou:

— Para você, que comeu as castanhas. Para mim foi pessima, pois arrisquei o pêlo e fiquei em jejum, sem saber que gosto tem uma castanha assada...

O bom bocado não é para quem o faz, é para quem o come.

— Quem é bobo, peça a Deus que o mate e ao diabo que o carregue, comentou Emilia.

O visconde vinha entrando. Ouviu a discussão e disse:

— Aqui está um que nunca jamais teve o gosto de comer o bom bocado. Quando chega a vez dele, aparece sempre *alguem* que o logra.

Todos compreenderam a indireta...



A Mosca e a Formiguinha

— Sou fidalga! dizia a mosca á formiguinha que passava carregando uma folha de roseira. Não trabalho, pouso em todas as mesas, lambisco de todos os manjares, passeio sobre o colo das donzelas — e até me sento no nariz. Que vidão regalado o meu!...

A formiguinha arriou a carga, enxugou a testa e disse:

— Apesar de tudo, não invejo a sorte das moscas. São mal vistas. Ninguem as estima. Toda gente as enxota com asco. E o peor é que têm um berço degradante: nascem nas esterqueiras.

— Ora, ora! exclamou a mosca. Viva eu quente e ria-se a gente.

— E além de imundas são cinicas, continuou a formiga. Não passam dumas parasitas — e parasita é sinónimo de ladrão. Já a mim todos me respeitam. Sou rica pelo meu trabalho, tenho casa propria onde nada me falta durante o rigor do mau tempo. E você? Você, basta que fechem a porta da cosinha e já está sem o que

comer. Não troco a minha honesta vida de operaria pela vida dourada dos filantes.

— Quem desdenha quer comprar, murmurou ironicamente a mosca.

Dias depois a formiga encontrou a mosca a debater-se numa vidraça.

— Então, fidalga, que é isso? perguntou-lhe.

A prisioneira respondeu, muito aflita:

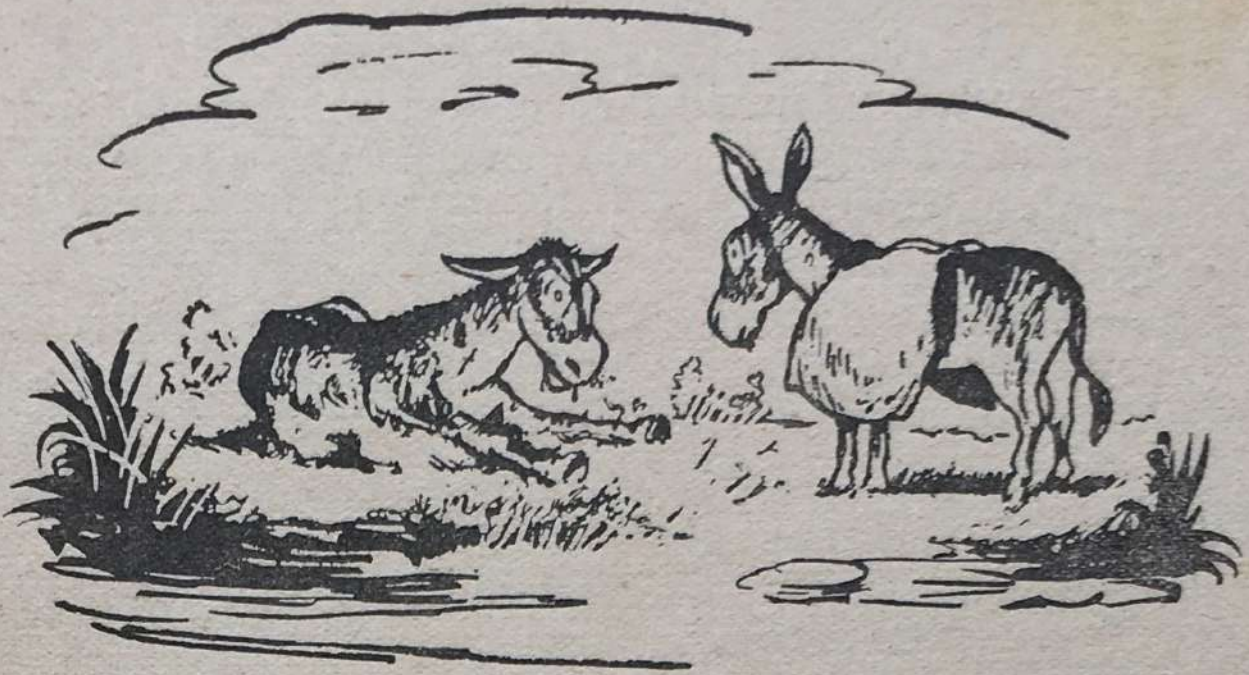
— Os donos da casa partiram de viagem e me deixaram trancada aqui. Estou morrendo de fome e já exausta de tanto me debater.

A formiga repetiu as empafias da mosca, imitando-lhe a voz: “Sou fidalga! Pouso em todas as mesas... Passeio pelo colo das donzelas...” e lá seguiu o seu caminho, apressadinha como sempre.

Quem quer colher, planta. E quem do alheio vive, um dia se engasga.

— Seria muito bom se fosse assim, disse o visconde. Mas muitas e muitas vezes um planta e quem colhe é o outro...

Emilia fuzilou-o com os olhos. Aquilo era indireta das mais diretas. O visconde, amedrontado, encolheu-se no seu cantinho.



Os dois Burrinhos

Muito lampeiros, dois burrinhos de tropa seguiam trotando pela estrada além. O da frente conduzia bruácas de ouro em pó; e o de trás, simples sacos de farelo. Embora burros da mesma igualha, não queria o primeiro que o segundo lhe caminhasse ao lado.

— Alto lá! dizia ele. Não se emparelhe comigo, que quem carrega ouro não é do mesmo naipe de quem conduz farelo. Guarde cinco passos de distancia e caminhe respeitoso como se fosse um pagem.

O burrinho do farelo submetia-se e lá trotava na traseira, de orelhas murchas, roendo-se de inveja do fidalgo.

De repente...

— Oah! oah!...

São ladrões da montanha que surgem de trás de um toco e agarram os burrinhos pelo cabresto.

Examinam primeiramente a carga do burro humilde e,

— Farelo! exclamam desapontados. O demo o leve! Vejamos se ha coisa de mais valor no da frente.

— Ouro, ouro! gritam, arregalando os olhos. E atiram-se ao saque.

Mas o burrinho resiste. Desfere coices e dispara pelo campo afóra. Os ladrões correm-lhe atrás, cercam-no, e dão-lhe em cima, de pau e pedra. Afinal saqueiam-no.

Terminada a festa, o burrinho do ouro, mais morto que vivo e tão surrado que nem suster-se em pé podia, reclama auxilio do outro, que muito fresco da vida tosava o capim sossegadamente.

— Socorro, amigo! Venha acudir-me, que estou descaideirado...

O burrinho do farelo respondeu zombeteiramente:

— Mas poderei por acaso aproximar-me de Vossa Excelencia?

— Como não? Minha fidalguia estava toda dentro da bruáca e lá se foi nas mãos daqueles patifes. Sem as bruácas de ouro no lombo, sou uma pobre besta igual a você...

— Bem sei. Você é como certos grandes homens do mundo que só valem pelo cargo que ocupam. No fundo, simples bestas de carga, eu, tu, eles...

E ajudou-o a regressar para casa, decorando, para uso proprio, a lição que ardia no lombo do vaidoso.

— Eis aqui, meus filhos, outra fabula bem boa, disse dona Benta. O mundo está cheio de orgulhosos deste naipe...

— Que é naipe? quis saber Narizinho.

— E' um termo usado para as cartas de jogar. Ha quatro naites — ouro, espadas, copas e paus.

— Então naípe quer dizer “qualidade”, “tipo”? Do mesmo naípe quer dizer do mesmo tipo?

— Exatamente.

— E igualha, vóvó?

— E’ sinonimo de naípe.

— Então por que a senhora não diz logo “qualidade” em vez de “naípe” e “igualha”?

— Para variar, minha filha. Estou contando estas fabulas em estilo literario, e uma das qualidades do estilo literario é a variedade.

Pedrinho observou que o coronel Teodorico fizera tal qual o burrinho do ouro. Quando se encheu de dinheiro, arrotou grandeza; mas depois que perdeu tudo nos maus negocios, ficou de orelhas murchas e convencido de que era realmente uma perfeita cavalgada.



O Cavalo e as Mutucas

Um cavaleiro vinha chicoteando as mutucas pousadas no pescoço da cavalgadura. Volta e meia, *plaf!* uma lambada e era um inseto de menos.

Mas o homem só chicoteava as mutucas pesadonas, já empanturradas de sangue.

Em certo ponto o cavalo perdeu a paciência e disse:

— Julgas que me prestas um serviço e no entanto...

— No entanto que, cavalo? Pois livro-te das mutucas e ainda não estás contente?

— Benefício seria se matasses as magras e poupasses as gordas. Porque as gordas, fartas que estão, nenhum malefício me fazem, ao passo que as outras, famintas, torturam-me sem dó. Matando só as inofensivas, o bem que me queres fazer transforma-se em mal, porque sofro a dor da lambada e nada lucro com a morte dos bichinhos.

Quantos benefícios assim, benefícios só na aparência!...

— De quem é essa fabula, vóvó? De Mr. de La Fontaine ou de Esopo?

— De nenhum dos dois, meu filho. E' minha...

— Sua?... Pois a senhora tambem é fabulista?

— Às vezes... Esta fabula me ocorreu no dia em que o compadre esteve aqui montado naquele pampa. Ele não apeou. E enquanto falava ia chicoteando as motucas gordas, só as gordas. Ao ver aquilo, a fabula formou-se em minha cabeça.

— Pois acho que ele fazia muito bem, berrou Emilia. As gordas, as já cheias de sangue, voam dali e vão botar ovos donde saem mais motucas. E as magras, as ainda vazias, podem falhar. O cavalo não pensou nisto.

— Falhar, como, Emilia?

— Podem, por qualquer motivo, não se encherem e não porem ovos.

Dona Benta riu-se e explicou que o cavalo falava do seu ponto de vista de vitima das mordidelas. Se a vitima das motucas fosse Emilia, o mais certo era ela pensar exatamente como o cavalo. Tudo neste mundo depende do ponto de vista.

O Ratinho, o Rato e o Galo

Certa manhã um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos.

Admirou a luz do sol, o verdor das arvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim senhor! E' interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida notou no terreiro um certo animal de belo pêlo que dormia sossegado ao sol. Aproximou-se dele e farejou-o sem receio nenhum.

Nisto aparece um gallo, que bate as asas e canta.

O ratinho por um triz que não morreu de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou á mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante, disse ele, mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um, de pêlo macio e ar bondoso, seduziu-me logo. Devia ser um desses bons amigos da nossa gente, e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me assim de cumprimenta-lo.

O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentosamente, abriu o bico e soltou um *có-ri-có-có* tamanho que quasi cai de costas. Fugi. Fugi com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe-rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pêlo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espaventado, de olhar feroz e crista rubra, o outro, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal nenhum.

As aparencias enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que —

Quem vê cara não vê coração.

Emilia fez cara de piedade.

— Coitadinho! Era duma burrice sem par. Farejou o gato! Um ratinho a farejar gato! Acho isso um absurdo. Só se era um gato morto...

— Por que absurdo, Emilia?

— Porque o visconde diz que os animais do “naipe” dos ratos já nascem sabendo o que é gato. Adivinham gato pelo cheiro. Por isso digo: ou o gato estava morto ou o ratinho estava endefluxado...

Dona Benta explicou que os fabulistas não têm o rigor dos naturalistas e muitas vezes torcem as coisas para que a fábula saia certa.

— Boa moda! exclamou Emilia. Errar dum lado para acertar do outro...

Narizinho disse que os poetas usam muito esse processo, chamado “licença poetica”. Eles sacrificam a verdade á rima. Os fabulistas também são poetas ao seu modo.



Os Dois Pombinhos

Eram felizes. Queriam-se muito e contentavam-se com o que tinham. Mas um deles perdeu a cabeça e, farto de tanta paz, encasquetou na cabeça a ideia de correr mundo.

de correr mundo.

— Para quê? advertiu o companheiro. Não é tão sossegado aqui este remanso?

— Quero ver terras novas, respirar novos ares.

— Não vá! Ha mil perigos pelo caminho, incertezas, traições. Além disso, o tempo não é proprio. Epoca de temporais.

De nada valeram os bons avisos. O pombinho assanhado beijou o companheiro e partiu.

Nem de proposito, uma hora depois o ceu se tolda, os ventos rugem. O imprudente viajante aguenta o temporal inteiro fora de abrigo, encolhido numa arvore seca. Sofre horrores; mas salva-se, e quando veio a bo-

nança pôde continuar a viagem. Dirigiu-se a um lindo arrozal, pensando:

— Que vidão irei passar neste mimoso tapete de verdura!

Aí!... Nem bem pousou e já se sentiu preso num laço.

Uma hora de desespero, a debater-se...

Foi feliz ainda. O laço, apodrecido pelas chuvas, rompeu-se e o pombinho safou-se. E fugiu, exausto, com varias penas de menos e um fio de barbante aos pés, a lhe embaraçar o vôo.

Nisto um gavião surge, que se precipita sobre ele com rapidez de flecha. O misero pombinho, atarantado, mal tem tempo de abrigar-se no terreiro dum casebre de lavradores. Desse modo livrou-se do rapinante, mas não pôde livrar-se dum menino que de bodoque em punho correu para cima dele e espeloteou-o.

Corre que corre, pereréca que pereréca, o malaventurado pombinho conseguiu ainda uma vez escapar, oculto num ôco de pau.

E ali, curtindo as dores da asa quebrada, esperou pacientemente que o inimigo se fosse. Só então, com mil cautelas, pôde fugir para o ninho.

Ao vê-lo chegar, arrastando a asa, depenado, moido de canseira, o companheiro beijou-o por entre lagrimas e disse: “Bem certo o ditado: *Boa romaria faz quem em casa fica em paz*”.

— Não concordo, vóvó! disse Pedrinho. Se toda gente ficasse fazendo romaria em casa, a vida perderia a graça. Eu gosto de aventuras, nem que volte de perna quebrada.

— Eu tambem! berrou Emilia, e hei de escrever uma fabula o contrario dessa.

— Como?

— Assim que o pombinho viajante partiu, um caçador aparece e dá um tiro no que ficou fazendo romaria em paz. Quando o viajante volta, todo estropiado, vê as penas do companheiro no chão, manchadas de sangue. Compreende tudo e diz: “Quem vai, volta estropiado; mas quem não vai cai na panela”.

Dona Benta explicou que a sabedoria popular é uma sabedoria de dois bicos. Muitos ditados são contraditórios.

— Ha um que diz: “Quem espera sempre alcança” e outro diz: “Quem espera desespera”. Conforme o caso, a gente escolhe um ou outro — e quem ouve elogia a sabedoria da sabedoria popular.

As Duas Cachorras

Moravam no mesmo bairro. Uma era boa e caridosa; outra, má e ingrata. A boa, como fosse diligente, tinha a casa bem arranjadinha; a má, como fosse vagabunda, vivia ao léu, sem eira nem beira.

Certa vez a má, em vespera de dar cria, foi pedir agasalho á boa.

— Fico aqui num cantinho até que meus filhotes possam sair comigo. E' por eles que peço...

A boa cedeu-lhe a casa inteira, generosamente.

Nasceu a ninhada, e os cachorrinhos já estavam de olhos abertos quando a dona da casa voltou.

— Pódes entregar-me a casa agora?

A má pos-se a choramingar.

— Ainda não, generosa amiga. Como posso viver na rua com filhinhos tão novos? Conceda-me um novo prazo.

A boa concedeu mais quinze dias, ao termo dos quais voltou.

— Vai sair agora?

— Paciencia, minha velha, preciso de mais um mês.

A boa concedeu mais quinze dias, e ao terminar o ultimo prazo voltou; mas desta vez a intrusa, rodeada dos

filhos já crescidos, robustos e de dentes arreganhados, recebeu-a com insolencia:

— Quer a casa? Pois venha toma-la, se é capaz...

Para os maus, pau!

— Ótima, vóvó! exclamou a menina. Gostei. Esta fabula merece grau dez.

— E me faz lembrar o mata-pau, disse Pedrinho. O mata-pau é assim. Nasce numa arvore, todo humildezinho e fraquinho; mas vai crescendo, crescendo, e um dia estrangula a arvore que o acolheu.

Dona Benta explicou que aquella fabula punha em foco a ingratição, sentimento muito comum entre os homens. E citou varios ingratos ali das redondezas.

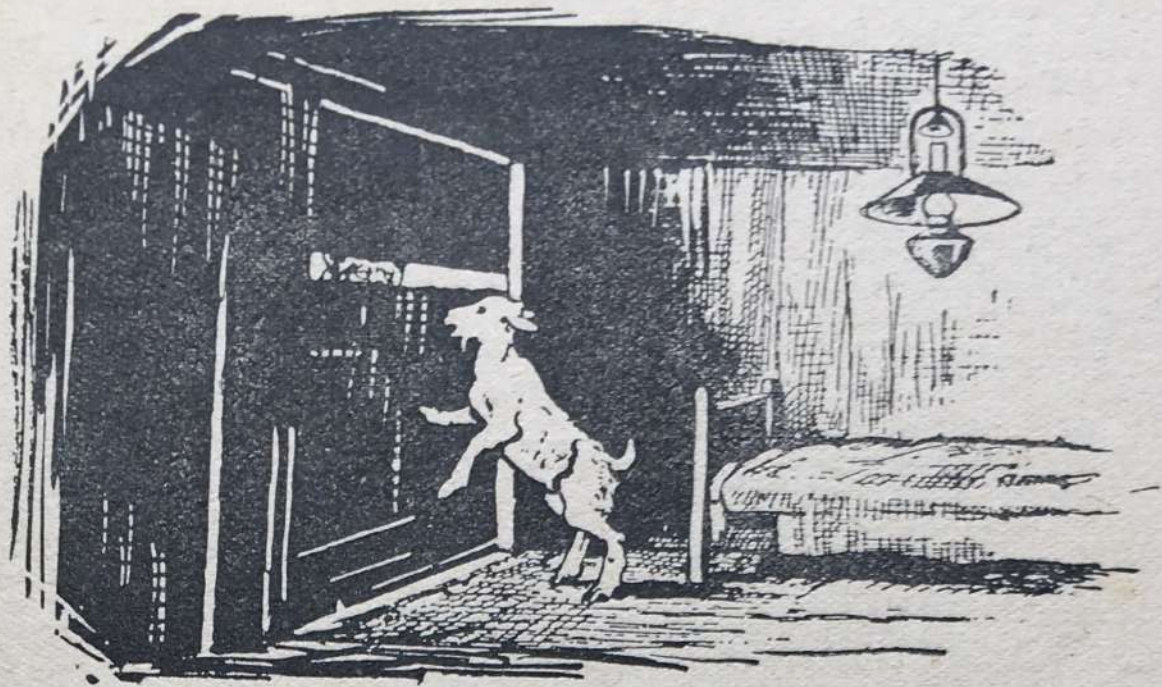
— Em materia de dinheiro ha muita ingratição assim. Um sujeito vem pedir um emprestimo. Vem de chapeu na mão, humilde como essa cachorra. Assim que se pilha servido, dá o coice.

Emilia achou ótima a moralidade da fabula: "Para os maus, pau!"

— Isso mesmo! Pau no lombo deles!

— A dificuldade, Emilia, está em conhecermos quem é o mau. Eles sabem disfarçar-se. Apresentam-se como essa cachorra, todo cheios de diminutivos — um "cantinho", uma "comidinha", um "dinheirinho"... E como havemos de adivinhar que isso é um disfarce, um preparo do terreno?

— Como? disse Emilia. E' boa!... Pelo diminutivo. Assim que um freguês vier com "inhos", é a gente ir pegando no pau e lascando...



A Cabra, o Cabrito e o Lobo

Antes de sair a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:

— Cuidado, meu filho. O mundo anda cheio de perigos. Não abra a porta a ninguém antes de pedir a senha.

— E qual é a senha, mamãe?

— A senha é: “Para os quintos do inferno o lobo e toda a sua raça maldita”.

Decorou o cabritinho aquelas palavras e a cabra lá se foi, sossegada da vida.

Mas o lobo, que rondava por ali e ouvira a conversa, aproximou-se e bateu. E disfarçando a voz repetiu a senha.

O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho desconfiou. E pediu:

— Mostre-me a pata branca, faça o favor...

Pata branca era coisa que o lobo não tinha e portanto não podia mostrar. E, assim, de focinho comprido, desapontadissimo, o lobo não teve remedio senão ir-se embora como veio — isto é, de papo vazio.

Desse modo salvou-se o cabritinho porque teve a boa ideia de

confiar, desconfiando.

— Esse cabritinho, disse Emilia, é como eu e o Marechal Floriano Peixoto. Nós tres confiamos desconfiando. Lobo nenhum nos embaça. Esse cabritinho aprendeu comigo.

— Como aprendeu com você, Emilia, se você nunca o encontrou?

— E' que ele adivinhou que eu penso assim...

Tia Nastacia, lá da copa, murmurou "Ché!..."

Os Dois Ladrões

Dois ladrões de animais furtaram certa vez um burro, e como não pudessem reparti-lo em dois pedaços surgiu a briga.

— O burro é meu! alegava um. O burro é meu porque o vi primeiro...

— Sim, argumentava o outro, você o viu primeiro; mas quem primeiro o segurou fui eu. Logo, é meu...

Não havendo acordo possível, engalfinharam-se, rolaram na poeira aos socos e dentadas.

Enquanto isso um terceiro ladrão surge, monta no burro e foge de galope.

Finda a luta, quando os ladrões se ergueram, moidos da sova, rasgados, esfolados...

— Que é do burro?

Nem sombra! Riram-se — risadinha amarela — e um deles, que sabia latim, disse:

— *Inter duos litigantes tertius gaudet*, que quer dizer: *quando dois brigam, lucra um terceiro mais esperto.*

— Isso já me aconteceu uma vez, disse Pedrinho. Briguei lá na escola por causa duma pera, e quando terminou a briga, que é da pera? Estava no papo do Zézico, filho do Tótó padeiro.

— E você deu também a tal risadinha amarela...

— Dei mas foi um tal murro no ladrão que ele quasi vomitou a pera. Quem riu amarelo foi ele.

— Que adiantou? Ficou do mesmo jeito sem a pera.

— E o gosto? Uma fórra dessas vale tres peras.

Emilia concordou.

A Mutuca e o Leão

Cochilava o leão á porta de sua caverna no momento em que a mutuca chegou.

— Que vens fazer aqui, miseravel bichinho? Some-te, retira-te da presença do rei dos animais.

A mutuca riu-se.

— Rei? Não és rei para mim. Não conheço tua força, nem tenho medo de ti.

— Vai-te, excremento da terra!

— Vou mas é tirar-te a prosa, disse a mutuca.

E atacou-o. Atacou-o a ferroadas com tamanha insistencia que o leão desesperou. Inutilmente espojava-se, e sovava-se a si proprio com a cauda ou tabefes das patas possantes. A mutuca fugia sempre e, ora no focinho, ora na orelha, ora no lombo, fincava-lhe sem dó o agudo ferrão.

Farta por fim de torturar o orgulhoso rei, a mutuca basofiou:

— Conheceste a minha força? Viste como de nada vale para mim o teu prestigio de rei? Adeus. Fica-te aí a arder que eu vou contar a toda bicharia a historia do leão sovado pela mutuca.

E foi-se.

Logo adiante, porém, esbarrou numa teia, enredou-se e morreu no ferrão da aranha.

São mais de temer os pequenos inimigos do que os grandes.

— Grande verdade! exclamou o menino. Um tigre é menos perigoso que certos microbios, e aqui na roça eu só tenho medo duma coisa: vespa!



A Fome não tem Ouvidos

Caira um triste sabiá nas unhas de esfaimadissimo bichano. E gemendo de dor implorava:

— Felino de bote pronto e afiadas unhas, poupa-me! Repara que se me devoras cometes um crime de lesa-arte, pois darás cabo da garganta maravilhosa donde brotam as mais lindas canções da selva. Queres ouvir uma delas?

— Tenho fome! respondeu o gato.

— Queres ouvir uma canção que já enlevou as proprias pedras, que são surdas, e fez exclamar á bruta onça: “Este sabiá é a obra prima da natureza?”

— Tenho fome! repetiu o gato.

— Tens fome, bem vejo, mas isso não é razão para que destruas a maravilha da floresta, matando o tenor cujos trinos criam o extase na alma dos mais rudes bichos. Queres ouvir o gorgoeio em lá-menor da minha ultima sinfonia?

— Tenho fome! insistiu o gato. Sei que tudo é assim como dizes, mas tenho fome e acabou-se. Para satis-

faze-la eu devoraria a propria musica, se ela me aparecesse encarnada em petisco. E isso, meu caro sabiá, porque a fome não tem ouvidos...

E comeu-o.

— Acho muito “literaria” esta fabula, vóvó! disse Narizinho. Não ha sabiá que fale em “felino de bote pronto”, nem em “crime de lesa-arte”, coisas que nem eu sei o que são. Ponha isso em literatura sem aspas.

Dona Benta explicou que “felino” é um adjetivo relacionado a gatos, onças, tigres, panteras e todos os mais “felideos”.

— E que é felidio?

— E’ a familia dos mamiferos carniceiros que os sabios chamam *felis*. Ha o *felis catus*, que é o gato. Ha o *felis pardus*, que é o leopardo. Ha o *felis onça*, que é a onça... São os felinos.

— E crime de lesa-arte?

— E’ um crime que lesa ou prejudica a arte. Lesar significa prejudicar.

— E por que a senhora botou essas “literaturas” na fabula?

— Para que vocês me interpelassem e eu explicasse, e todos ficassem sabendo mais umas coisinhas...

— E a fome não tem ouvidos mesmo?

— Não tem, minha filha. Quando a fome aperta, o animal faminto come o que encontra. Ha casos até de pais que têm comido os filhos, por ocasião das grandes fomes da humanidade...

O Olho do Dono

Um veadinho, fugindo aos caçadores, escondeu-se num estabulo. E pediu ás vacas que o não denunciasssem, prometendo-lhes em troca do asilo mil coisas. As vacas mugiram que sim e o fugitivo agachou-se num cantinho.

Vieram á tarde os tratadores, com os feixes de capim e a cana picada. Encheram as manjedouras e saíram.

Veio, tambem, fiscalizar o serviço, o administrador da fazenda. Correu os olhos por tudo e foi-se.

O veadinho respirou.

— Vejo que este lugar é seguro, disse ele. Os homens entram e saem sem perceber coisa nenhuma.

Uma vaca, porém, o avisou:

— O perigo, meu caro, é que apareça por aqui o bicho de Cem-Olhos...

— Que? exclamou o veado. Ha disso?

— Ha, sim. Chama-se Dono. E' um que quando aparece tudo vê, tudo descobre, desde o menor carrapato do nosso lombo até o sal que o tratador nos furta. Se ele vem, amigo, tu estás perdido!

Não demorou muito, surge Cem-Olhos. Vê aranhas no teto e interpela os homens da lida:

— Por que não tiram isso?

Vê um cocho rachado:

— Consertem este cocho.

Vê o chão mal limpo:

— Vassoura, aqui!

E está claro que também viu as pontas do chifre do veadozinho.

— Que historia é esta? Chifre de veado entre vacas?...

Aproximou-se e descobriu o misero.

— Uma espingarda! gritou — e era uma vez um veadozinho.

O olho do dono engorda o cavallo.

— Malvado! exclamou Narizinho vermelha de colera. O veadozinho que o bruto matou com certeza era o filhote de Bambi...

Emilia também se indignou.

— Ah, eu queria estar lá para dar um tiro de canhão na orelha desse homem! Matar o filhotinho de Bambi só porque ele se abrigou naquela porcaria de estabulo lá dele! Mas eu sei por que o bruto o matou...

— Por que foi, Emilia? quis saber dona Benta.

— Pela mesma razão que o urubú matou o sabiá: de inveja. Inveja da lindezinha do filho de Bambi. Devia ser um sujeito horrendamente feio, com cara de coruja seca, tres verrugas no nariz, orelhas de camelo do deserto, capenga, boca torta, pé espalhado, beijo rachado no meio, analfabeto, jacarépaguá. Feio assim, não aguentou ver lá na fazenda dele aquela belezinha de veado, um bambizinho de pêlo macio, olhos de criança inocente, pernas que eram quatro mimos, focinho côr de rosa Bela Helena... Inveja, inveja só. Eu só queria que...

— Pare, Emilia! disse dona Benta. A fabula não é para mostrar a feiura de um e a boniteza de outro — é só para frisar que quem é dono vê tudo, não deixa escapar coisa nenhuma.

Mas de nada adiantou a advertencia. Todos estavam indignados com o tal dono. E Emilia teve uma ideia. Berrou:

— Lincha! Lincha essa fabula indecente!

Os outros acompanharam-na:

— Lincha! Lincha!...

E os tres lincharam a fabula, unico meio de dar cabo do matador do filhote de Bambi que estava dentro dela.

Unha-de-Fome

Depois duma vida de miserias e privações Unha-de-Fome conseguiu amontoar um tesouro, que enterrou longe de casa, num lugar ermo, colocando uma grande pedra em cima. Mas tal era o seu amor pelo dinheiro, que volta e meia rondava a pedra, e namorava-a como o jacaré namora os seus proprios ovos ocultos na areia. Isto atraiu a atenção dum vizinho, que o espionou e por fim lhe roubou o tesouro.

Quando Unha-de-Fome deu pelo saque, rolou por terra desesperado, arrependendo os cabelos.

— Meu tesouro! Minha alma! Roubaram minha alma!

Um viajante que passava foi atraído pelos berros.

— Que é isso, homem?

— Meu tesouro! Roubaram o meu tesouro!

— Mas morando lá longe você o guardava aqui, então? Que tolice! Se o conservasse em casa não seria mais comodo para gastar dele quando fosse preciso?

— Gastar do meu tesouro?! Então você supõe que eu teria a coragem de gastar uma moedinha só, das menores que fosse?

— Pois se era assim, o tesouro não tinha para você a menor utilidade, e tanto faz que esteja com quem o roubou como enterrado aqui. Vamos! Ponha no buraco vazio uma pedra, que dá no mesmo. Que utilidade tem o dinheiro para quem só o guarda e não gasta?

— Muito certo, disse dona Benta, mas os usurarios como esse Unha-de-Fome não raciocinam como as creaturas normais. O dinheiro para eles não é para ser trocado pelas coisas que tornam agradável a vida — é para ser acumulado. O maior prazer desses homens consiste em saber que possuem tesouros.

— Pois acho que eles estão certos, disse Emilia. O que é de gosto regala a vida, como diz tia Nastacia. Se o meu gosto é namorar o dinheiro em vez de gasta-lo, ninguém tem nada a ver com isso.

— Mas o dinheiro é uma utilidade publica, Emilia, e ninguém tem o direito de retira-lo da circulação. Quem faz isso prejudica aos outros.

— Sebo para a circulação! gritou Emilia, que tambem era avarenta. Aquele celebre tostão novo que ela ganhou estava guardadissimo. Sabem onde? No pomar, enterrado junto á raiz da pitangueira...



O Lobo Velho

Adoecera o lobo e, como não pudesse caçar, curtia na cama de palha a maior fome de sua vida. Foi quando lhe apareceu a raposa.

— Benvinda seja, comadre! E' o ceu que a manda aqui. Estou morrendo de fome e se alguém não me socorre, adeus lobo!...

— Pois espere aí que já arranjo uma rica petisqueira, respondeu a raposa com uma ideia na cabeça.

Saiu e foi para a montanha onde costumavam pastar as ovelhas. Encontrou logo uma, desgarrada.

— Viva, anjinho! Que faz por aqui, tão inquieta? Está a tremer...

— E' que me perdi e tremo de medo do lobo.

— Medo do lobo? Que bobagem! Pois ignora que o lobo já fez as pazes com o rebanho?

— Que me diz?

— A verdade, filha. Venho de casa dele, onde conversamos muito tempo. O pobre lobo está na agonia e arrependido da guerra que moveu ás ovelhas. Pediu-me

que dissesse isto a vocês e as levasse lá, todas, a fim de selarem um pacto de reconciliação.

A ingenua ovelhinha pulou de alegria. Que sossego dali por diante, para ela e as demais companheiras! Que bom viver assim, sem o terror do lobo no coração!

E enternecida disse:

— Pois vou eu mesma selar o acôrdo.

Partiram. A raposa, á frente, conduziu-a á toca da féra. Entraram. Ao dar com o lobo estirado no catre, a ovelhinha por um triz que não desmaiou de medo.

— Vamos, disse a raposa, beije a pata do magnanimo senhor! Abrace-o, menina!

A inocente, vencendo o medo, dirigiu-se para o lobo e abraçou-o. E foi-se a ovelha!...

Muito padecem os bons que julgam os outros por si.

— Bem feito! berrou Emilia. Uma burrinha dessas o melhor que podia fazer era o que fez: entrar na boca do lobo. E, além disso, ovelha eu nem considero como bicho...

— Que é, então? perguntou Narizinho admirada.

— E' um novelo de lã por fora e costeletas por dentro. Ovelha é muito mais *comida* do que *bicho*. Não se defende, não arranha, não morde — é só *bé, bé, bé...* Bem feito! Eu gosto das feras. São batatais. Urram, e é cada unhaço que arranca lanhos de carne do inimigo.

— Mas o ato da raposa você não pode aprovar porque foi traição, disse a menina.

— Isso é verdade. Para uma raposa dessas, só tiro na orelha. Vou fazer uma fabula em que a raposa, em vez de sair ganhando, perde. Uma fabula assim...

E começou a inventar a fabula da "raposa que levou na cabeça".

O Rato e a Rã

Estava um ratinho sem experiencia da vida tomando fresco á beira da lagoa, quando surgiu á tona uma rã velhaca.

— Bom dia, Rói-Rói! Que faz aí, tão pensativo?

— Estou admirando a beleza destas aguas e invejando a felicidade dos que podem viver nela.

— Tem razão de invejar-nos, ratinho. E' lindo isto aqui dentro, mas não é para bico de rato. Ah, se você conhecesse a margem oposta!... Que beleza! Algas que boiam, libelinhas que esvoaçam. Quer ir até lá?

— Querer, quero. Mas como, se nado tão mal?

— Isso é o de menos. Posso atar você á minha pata, e leva-lo de reboque.

O ratinho aceitou. A rã trouxe uma embira, amarrou pata com pata e pôs-se a nado rebocando o ingenuo. Ao chegar em lugar fundo a rã, que o que queria era afogar o ratinho, mergulhou, procurando arrastá-lo consigo. Mas o ratinho em apuros pôs a boca no mundo, pererecou, gritou por socorro e resistiu aos empuxões da rã com quantas forças tinha. Nisto um gavião que ia passando ouviu o barulho, desceu qual uma flecha e agarrou o misero. Ao tirá-lo d'agua, porém, viu a rã encambada nele e exclamou radiante:

— Ora viva, que estou de sorte! Atirei no que vi e matei o que não vi. Meu jantar vai ser de carne e peixe.

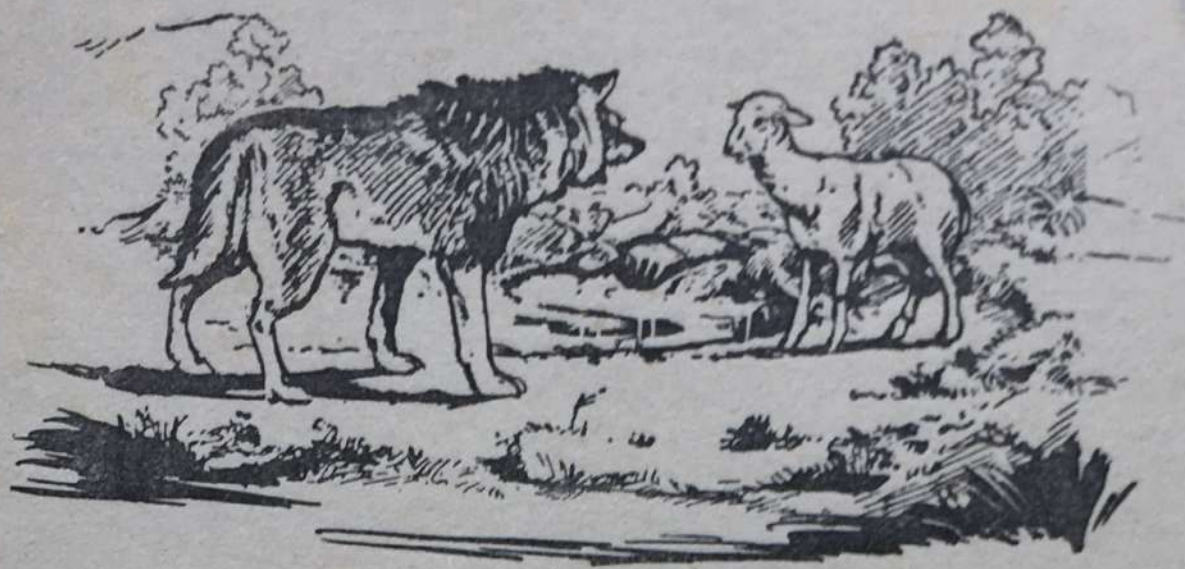
E foi para o alto duma arvore engulir os petiscos — castigando, sem o saber, a traição da rã e a imprudencia do ratinho.

— Essa fabula, vóvó, não me parece fabula — parece historinha das que não tem moralidade. “Passo”.

— Eu tambem “passo”, disse Pedrinho.

— Eu, idem! berrou Emilia.

E dona Benta teve de contar a seguinte, que era a do Lobo e o Cordeiro — um suco!



O Lobo e o Cordeiro

Estava o cordeiro a beber num correjo, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

— Que desaforo é esse de turvar a agua que venho beber? disse o monstro arreganhando os dentes. Espere, que vou castigar tamanha mácriação!...

O cordeirinho, tremulo de medo, respondeu com inocencia:

— Como posso turvar a agua que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

— Além disso, inventou ele, sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

— Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocencia, o lobo insistiu:

— Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

— Como poderia ser o meu irmão mais velho, se sou filho unico?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma razão de lobo faminto:

— Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E — *nhoc!* — sangrou-o no pescoço.

Contra a força não ha argumentos.

— Estamos diante da fabula mais famosa de todas, declarou dona Benta. Revela a essencia do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não ha argumentos.

— Mas ha a esperteza! berrou Emilia. Eu não sou forte, mas ninguem me vence. Por que? Porque aplico a esperteza. Se eu fosse esse cordeirinho, em vez de estar bobamente a discutir com o lobo, dizia: "Senhor Lobo, é verdade, sim, que sujei a agua deste riozinho, mas foi para envenenar tres perus recheados que estão bebendo ali em baixo". E o lobo, já com agua na boca: "Onde?" E eu, piscando o olho: "Lá atrás daquela moita!" E o lobo ia ver e eu sumia...

— Acredito, murmurou dona Benta. E depois fazia de conta que estava com uma espingarda e, *pum!* na orelha dele, não é? Pois fique sabendo que estragaria a mais bela e profunda das fabulas. La Fontaine a escreveu dum modo incomparavel. Quem quiser saber o que é obra prima, leia e analise a sua fabula do Lobo e o Cordeiro.

O Cavallo e o Burro

Cavallo e burro seguiam juntos para a cidade. O cavallo, contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro — coitado! gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto o burro parou e disse:

— Não posso mais! Esta carga excede ás minhas forças e o remedio é repartirmos o peso irmãmente, seis arrobas para cada um.

O cavallo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

— Ingenuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso tão bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

O burro gemeu:

— Egoista! Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga das quatro arrobas e mais a minha.

O cavallo pilheriou de novo e a coisa ficou por isso. Logo adiante, porém, o burro tropica, vem ao chão e rebenta.

Chegam os tropeiros, maldizem da sorte e sem demora arrumam com as oito arrobas do burro sobre as quatro do cavallo egoista. E como o cavallo refuga, dão-lhe de chicote em cima, sem dó nem piedade.

— Bem feito! exclamou um papagaio. Quem o mandou ser mais burro que o pobre burro e não compreender

que o verdadeiro egoísmo era aliviá-lo da carga em excesso? Tome! Gema dobrado agora...

— Isto aqui, disse dona Benta, vale como lição do que é a falta de solidariedade.

— Oh, que comprimento de palavra! exclamou Narizinho. Que é solidariedade, vóvó?

— E' o egoísmo bem compreendido, minha filha. E' o reconhecimento de que temos de nos ajudar uns aos outros para que Deus nos ajude. Quem só cuida de si, de repente se vê sozinho e não encontra quem o socorra. Aprendam.

— A coisa é bonita, comentou a menina, mas a palavra é feia e comprida demais. So-li-da-rie-da-de...





O Intrujão

Um celebre patarata propalou pela cidade que era possível ensinar a lêr aos burros. O rei soube do fato e o fez vir á sua presença.

— E' verdade o que dizem por aí?

— Que é possível ensinar a lêr a um burro? Perfeitamente, majestade. Comprometo-me a, em dez anos, transformar o mais burro dos burros num perfeito gramatico.

— E que é preciso para isso?

— Em primeiro lugar, um burro. Em segundo lugar, outro burro... perdão! uma pessoa que me garanta casa e comida pelo espaço de dez anos.

— Pois dou-te o burro e o mais, disse o rei. Se, porém, ao fim desse prazo não me apresentares o burro lendo e escrevendo corretamente, ai de ti!...

O charlatão saiu do palacio esfregando as mãos de contente. E como seus amigos, assustados, viessem criticar-lhe o absurdo daquele negocio e o fim desastroso que ele, charlatão, fatalmente teria, o nosso homem piscou velhacamente o olho, dizendo:

— Qué ingenuos são vocês! Em dez anos, o rei, eu ou o burro, um de nós tres não existe mais. E assim, de qualquer maneira sairei ganhando. E' ou não é?

Todos concordaram que era...

— Gostei! berrou Emilia. Esse é dos meus. Fez um bom negocio e provou que o verdadeiro burro era Sua Majestade.

— Mas se se passassem os dez anos e nenhum dos tres morresse? perguntou Pedrinho.

— Ah, ele não se apertava! Quando faltasse um dia para inteirar os dez anos, dava um veneno ao burro e pronto! Ficava um burro só na historia: Sua Majestade Burrissimo I...

O Homem e a Cobra

Certo homem de bom coração encontrou na estrada uma cobra entanguida de frio.

— Coitadinha! Se fica por aqui ao relento, morre gelada.

Tomou-a nas mãos, conchegou-a ao peito e trouxe-a para casa. Lá a pôs perto do fogão.

— Fica-te por aqui em paz até que eu volte do serviço á noite. Dar-te-ei então um ratinho para a ceia. E saiu.

De noite, ao regressar, veio pelo caminho imaginando as festas que lhe faria a cobra.

— Coitadinha! Vai agradecer-me tanto...

Agradecer, nada! A cobra, já desentorpecida, recebeu-o de linguinha de fora e bote armado, em attitude tão ameaçadora que o homem, enfurecido, exclamou:

— Ah, é assim? E' assim que pagas o beneficio que te fiz? Pois espera, minha ingrata, que já te curo...

E deu cabo dela com uma paulada.

Fazei o bem, mas olhai a quem.

— A senhora arranjou uma moralidade ao contrario da sabedoria popular que diz: "Fazei o bem e não olhai a quem".

— Sim, minha filha. Esse fazer o bem sem olhar a quem é lindo — mas nunca dá muito certo. Aquele grande filosofo-educador da China...

— Confucio, já sei!... gritou Pedrinho.

— Ele mesmo, confirmou dona Benta. Pois Confucio, que foi o maior filosofo pratico da humanidade, disse uma coisa muito certa: "Tratai os bons com bondade e aos maus com justiça".

Emilia bateu palmas.

— Pois então Confucio concorda comigo. Meu ditado é: "Para os maus, pau!" Justiça é pau.



O Gato e a Raposa

Gato e raposa andavam a correr mundo, pilhando capoeiras e ninhos. Muito amigos, e volta e meia a raposa dava trela á gabolice.

— Afinal de contas, meu caro, não és dos bichos mais bem dotados pela natureza. Só tens um truque para escapar aos cães: trepar em arvore...

— E é quanto me basta, respondeu o gato. Vivo muito bem assim e não troco esta minha habilidade pela tua coleção inteira de manhas.

A raposa sorriu. Ora o gato a desfazer dela, dona de cem manhas cada qual melhor! E recordou lá consigo que sabia iludir aos cães de mil maneiras, ora fingindo-se morta, ora escondendo-se nas folhas secas, ora disfarçando as pégadas, ora correndo em zigue-zague.

Recordou todos os seus truques classicos. Enumerou-os. Chegou a contar noventa. E chegaria a contar cem, se o rumor duma acuação não viesse interromper-lhe os calculos.

— Está aí a cachorrada! disse o gato, subindo por uma arvore acima. Aplica lá os teus inumeraveis recursos, que o meu recurso unico já está aplicado.

A raposa, perseguida de perto, disparou como um foguete pelos campos, pondo em pratica, um por um, todos os recursos de sua coleção.

Foi tudo inutil. Os cães eram mestres; não lhe deram treguas, inutilizaram-lhe as mais engenhosas manhas e acabaram pegando-a.

Só então se convenceu — muito tarde!... — de que é preferivel *saber bem* uma coisa só do que *saber mal-e-mal* noventa coisas diversas.

— Eu, se fosse a senhora, vóvó, trocava essa fabula por aquela outra — a tal do Pulo do Gato. O gato ensinou á onça todos os pulos menos um — o pulo de lado. E quando acabou a lição, a onça, *zás!* pulou em cima do gato para come-lo. Mas o gato fugiu com o corpo — deu um pulo de lado. Muito desapontada, a onça disse: “Mas esse pulo você não ensinou”. E o gato, de longe: “E não ensino, porque esse é o *pulo do gato*”.

A Malícia da Raposa

O leão convidou a bicharia inteira para uma festa em seu palacio. O primeiro a aparecer foi o urso. Vendo a caverna cheia de ossos de caça, tresandante a carniça, tapou o nariz.

O leão, furioso, atirou-se a ele.

— Patife! Entrar em meu palacio de mão no nariz!...

E matou-o.

Logo em seguida aparece o macaco. Sente o mau cheiro, vê o urso por terra, compreende tudo e diz:

— Que formoso palacio! Quanto asseio reina aqui! E como é perfumado o ar! Parece-me que estou num jardim maravilhoso, florido de lindas rosas!...

O leão, enfureceu-se de novo.

— Estás caçoando, maroto? Estás brincando com o teu rei? Pois toma lá... e matou-o com um tabefe.

O terceiro convidado a vir foi a raposa. Como é espertissima, ao vêr o urso e o macaco mortos percebeu que na casa dos reis não é de bom aviso ser sincero demais, nem lisonjeiro fora de conta. E preparou uma escapatoria.

— Então, exclamou o rei, que achas do meu palacio?

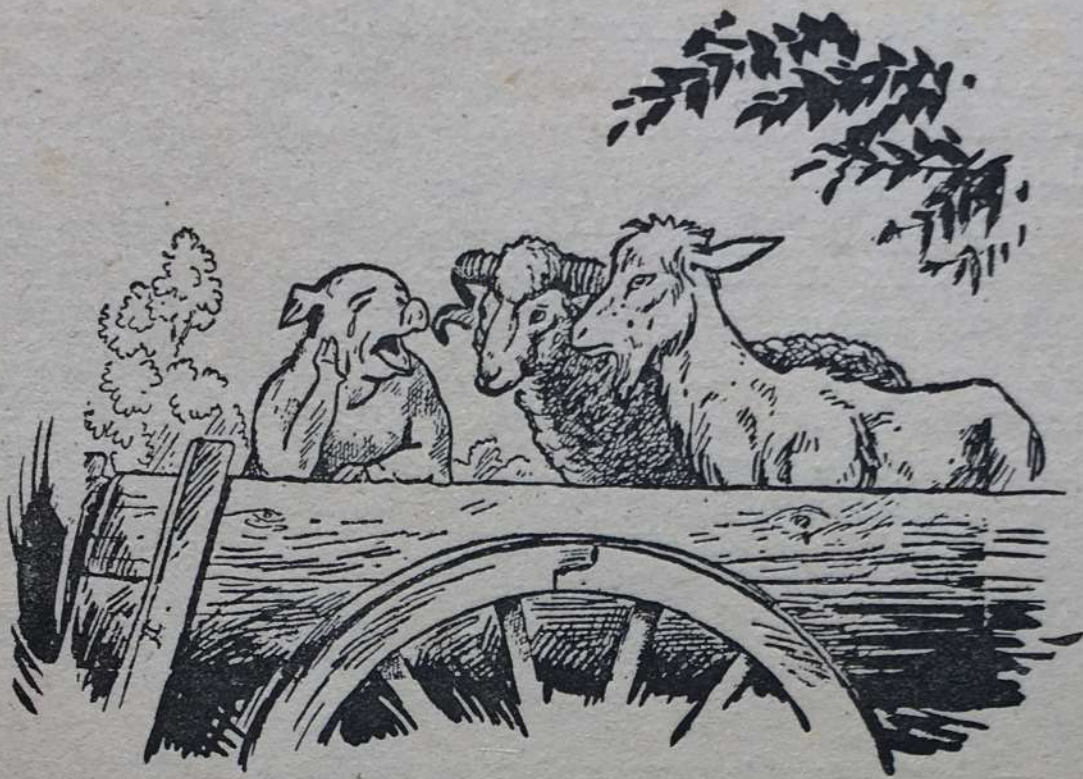
— Para falar a verdade, disse a raposa, não posso dar opinião. Venho da luz do sol e pouco estou enxergando aqui dentro...

— E o cheiro?

— Também não posso ajuizar, porque estou sem nariz — endefluxadissima...

E nada lhe aconteceu.

— Gostei, gostei! exclamou a menina. Está aqui uma das fabelas mais feitas. Desta vez a raposa merece um doce. Venceu a força do leão com a esperteza duma resposta muito certa. Eu também perco o nariz quando apanho um resfriado.



As Razões do Porco

Lá ia para o mercado a carroça dum sitiante. Dentro, tres animais: uma cabra, um carneiro e um leitão. Cabra e carneiro seguiam em silencio, muito sossegados da vida. Já o porquinho, não. Inquieto, a suspirar, volta e meia espiava pelas frestas, cheio de apreensões. E quando avistou o mercado não se conteve: abriu a boca e berrou como se estivessem a sangrá-lo no coração.

— Para que isso? disse a cabra. Tambem eu vou para a feira e no entanto a ninguem incomodo com esse berreiro descompassado...

— Tambem assim penso, ajuntou o carneiro. Vamos ser vendidos, quer dizer, vamos mudar de dono. E' tolice lamuriar dessa maneira por coisa tão sem importancia.

O porquinho berrou ainda mais, e por fim explicou-se:

— E' verdade, vamos ser vendidos os tres. Mas tu, cabra, teu destino é dar leite; e tu, carneiro, tua função é produzir lã. Compreendo que seja indiferente para ambos que deis leite ou lã a este ou áquele. Mas eu? — eu só presto para ser comido, e ir para o mercado não me é apenas mudar de dono mas mudar de mundo. Vou para o açougue — *coin, coin!* Como então quereis que me conforme com a sorte e vá nesse sossego de cabra e nessa indiferença de carneiro? Tivesseis o meu destino e havieis de berrar ainda mais forte...

E continuou a botar a boca no mundo.

— Quem o manda ser carne? comentou Emilia. Cabra é leite. Carneiro é lã.

— Cabra e carneiro tambem são carne, disse Narizinho.

— Em segundo lugar! Em primeiro lugar são leite e lã; só depois é que são carne. Mas o pobre do porco é só carne, carne e mais carne. E' lombo, é linguiça, é presunto, é chouriço, é pernil, é costeleta, é entrecosto, é tripa. O porco é carnissimo. Quando sai do chiqueiro, já sabe que não é para dar leite, como a cabra, nem dar lã, como o carneiro. E porisso berra e faz muito bem. Eu berrava o dobro...

Segredo de Mulher

Como a Fidencia se gabasse de discreta, seu marido resolveu tirar a prova. E para isso uma noite acordou-a com ar assustado, dizendo:

— Que estranho fenomeno, Fidencia. Pois não é que acabo de botar um ovo?

— Um ovo?! exclamou a mulher, arregalando os olhos.

— Pois é para vêr. E cá está ele, ainda quentinho. Mas escute: é preciso que isto fique em segredo absoluto entre nós. Você bem sabe como é o mundo. Se a noticia corre, começam todos a troçar de mim e acabam pondo-me apelido. Segure, pois, a lingua. Nunca diga nada a ninguem.

A mulher jurou segredo e soube guarda-lo por umas horas, enquanto era noite e não tinha com quem tarame-lar. Mas logo que amanheceu pulou da cama e foi correndo em procura da comadre Teresa.

— Você é capaz, Teresa, de guardar um segredo eterno?

— Toda gente sabe que minha boca é um tumulo...

— Pois então ouça: meu marido esta noite botou dois ovos!...

— Não diga!...

— Pois é isso. Mas, olhe!... Isto é segredo inviolavel. Jure que jamais o contará a ninguem.

A comadre Teresa beijou dois dedos em cruz; mas logo que a Fidencia se foi, sentiu na lingua uma tal comichão que contou a historia dos tres ovos á tia Felizarda.

Tia Felizarda tambem jurou segredo, mas contou a historia dos quatro ovos á prima Joaquina.

Prima Joaquina tambem jurou segredo, mas contou a historia dos cinco ovos á sua amiga Ignês.

A Ignês...

E o caso foi que ao meio-dia a cidade inteira só comentava uma coisa — o estranho fenomeno do *Zé Galinha*, misterioso homem que punha *cada* noite *doze duzias* de ovos...

— Isso de contar um conto e aumentar um ponto é ali com a senhora Emilia, observou a menina.

— Um ponto só? Ah, ah! A Emilia vai logo aumentando dez... caçou Pedrinho.

O visconde explicou que ha para isso uma razão psi-co-lo-gi-ca.

— E' para melhor acentuar o fato, disse ele. Contar uma coisa é passar essa coisa duma cabeça para outra. E como nessas passagens ha sempre perda (como na corrente eletrica que vai de um ponto a outro), o contador exagera. Exagera sem querer, por instinto.

— Eu não exagero, disse Emilia. Apenas enfeito.

— Pois então exagera, porque enfeitar é exagerar, explicou o visconde. E voltando-se para Emilia: "Pode botar a lingua..."



O Automovel e a Mosca

Um automovel havia encalhado em certo ponto de mau caminho, num atoleiro.

— E agora?

— Agora é procurar bois na vizinhança e arranca-lo á força viva.

Assim se fez. Arranjam os bois — uma junta. Atrelam-na ao carro e principia a luta.

— Vamos, Malhado! Puxa, Cuitelo!

Os bois estiram os musculos num potente esforço, espicaçados pelo aguilhão.

Mas não basta. E' preciso que todos, serviçais e passageiros, metam ombros á tarefa e, empurrando de cá, alçapremando de lá, ajudem o arranco dos bovinos.

A mosca aparece. Assunta o caso e resolve meter o bedelho onde não é chamada. E toda aflita começa —

vôa daqui, pouisa ali, zumbê á orelha de um, pica no fo-
cinho de outro, atormenta os bois, atrapalha os homens
— a multiplicar-se de tal maneira que dá a impressão de
ser não uma só, mas um enxame inteiro de moscas in-
fernaes.

O carro, afinal, saiu do atoleiro.

— Uf! Que trabalhão me deu!... disse a mosquinha
enxugando o suor da testa.

— A Joana Baracho é assim, comentou Narizinho. Lá na casa
dela as irmãs fazem tudo, mas quem finge que súa é ela. Certas
fabulas são retratos de pessoas.

— E isso é instintivo, tornou dona Benta. Lembra-se, Pedrinho,
daquele jogo de futebol lá na vila? Os assistentes "torciam", e
quando a bola entrava no goal não havia um que não atribuisse o
ponto á sua torcida pessoal.

A Onça Doente

A onça caiu da arvore e por muitos dias esteve de cama seriamente enferma. E como não pudesse caçar, padecia fome das negras.

Em tais apuros imaginou um plano.

— Comadre irára, disse ela, corra o mundo e diga á bicharia que estou á morte e exijo que venham visitar-me.

A irára partiu, deu o recado e os animais, um a um, principiaram a visitar a onça.

Vem o veado, vem a capivara, vem a cotia, vem o porco do mato.

Veio tambem o jabotí.

Mas o finorio jabotí, antes de penetrar no toca, teve a lembrança de olhar para o chão. Viu na poeira só rastos *entrantes*, não viu nenhum rasto *sainte*. E desconfiou:

— Hum!... Parece que nesta casa quem entra não sai. O melhor, em vez de visitar a nossa querida onça doente, é ir rezar por ela...

E foi o unico que se salvou.

— Todas as historias fazem do jaboti uma ideia muito boa, comentou Emilia. Espertos, inteligentes, mil coisas. Mas o nosso lá do pomar mostrou-se bem bobinho.

— Ao contrario, Emilia. Tanto não era bobo que já sumiu.

— Porisso mesmo. Se tivesse ficado aqui, estava no seguro. Nada nunca lhe aconteceria. Mas fugiu — e se foi para os lados do Elias Turco, aposto que dele só resta a casca. O Elias tem cara de gostar muito de jaboti ensopado...



O Jaboti e a Piúva

Brigaram certa vez o jaboti e a piúva.

— Deixa estar! disse esta furiosa. Deixa estar que te curo, meu malandro! Prego-te uma peça das boas, verás...

E ficou de sobreaviso, com os olhos no astucioso bichinho que lá se ria dela sacudindo os ombros.

O tempo foi correndo; o jaboti esqueceu-se do caso; e um belo dia, distraidamente, passou ao alcance da piúva.

A arvore incontinenti torceu-se, estalou e caiu em cima dele.

— Toma! Quero ver agora como te arrumas. Estás entalado e, como sabes, sou pau que duro cem anos...

O jaboti não se deu por vencido. Encorujou-se dentro da casca, cerrou os olhos como para dormir e disse filosoficamente:

— Pois como eu duro mais de cem, esperarei que apodreças...

A paciência dá conta dos maiores obstáculos.

— Essa fabula está com cara de ser sua, vóvó, disse Pedrinho. Eu conheço o seu estilo.

— E é, meu filho. Inventei-a neste momento, e sabe por que? Porque me lembrei daquela piúva caída lá no pasto e dum jaboti que estava escondido debaixo dela. Sei quanto dura a madeira da piúva e sei quanto vive um jaboti — e a fabula formou-se em minha cabeça. E todas as fabulas foram vindo assim. Uma associação de ideias sugere as historinhas.

— Associação de ideias é isso?

— Sim. A gente pensa numa coisa. Esse pensamento puxa outro. Esse outro puxa terceiro. E' o que os sabios chamam associação de ideias.



A Raposa e as Uvas

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água á boca. Mas tão altos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

— Estão verdes, murmurou. Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisto deu o vento e uma folha caiu.

A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa e pôs-se a farejar...

Quem desdenha quer comprar.

— Que coisa certa, vóvó! exclamou a menina. Outro dia eu vi essa fabula em carne e osso. A filha do Elias Turco estava sentada á porta da venda. Eu passei no meu vestidinho novo de pintas côr de rosa e ela fez um muxoxo. “Não gosto de chita côr de rosa”. Uma semana depois lá a encontrei toda importante num vestido côr de rosa igualzinho ao meu, namorando o filho do Quindó...

O Gato Vaidoso

Moravam na mesma casa dois gatos iguaisinhos no pêlo mas desiguais na sorte. Um, amimado pela dona, dormia em almofadões. Outro, no borralho. Um passava a leite e comia em colo. O outro por feliz se dava com as espinhas de peixe do lixo.

Certa vez cruzaram-se no telhado e o bichano de luxo arrepiou-se todo, dizendo:

— Passa de largo, vagabundo! Não vês que és pobre e eu sou rico? Que és gato de cozinha e eu sou gato de salão? Respeita-me, pois, e passa de largo...

— Alto lá, senhor orgulhoso! Lembra-te que somos irmãos, criados no mesmo ninho.

— Sou nobre! Sou mais que tu!

— Em que? Não mias como eu?

— Mio.

— Não tens rabo como eu?

— Tenho.

— Não caças ratos como eu?

— Caço.

— Não comes rato como eu?

— Como.

— Logo, não passas dum simples gato igual a mim. Abaixa, pois, a crista desse orgulho idiota e lembra-te que mais nobreza do que eu não tens — o que tens é apenas um bocado mais de sorte...

Quantos homens não transformam em nobreza o que não passa de um bocado mais de sorte na vida!

— Acho que todos os homens importantes são assim, disse Pedrinho. O que eles tem é sorte. Os tais nobres! “Passo”. Os tais duques, os tais reis, os tais principes.

— Mas ha uma nobreza, disse dona Benta, que não depende da sorte e sim do esforço. Essa é respeitavel. Madame Curie ficou importante por ter descoberto o radium. Foi sorte? Não. Levou anos estudando, fazendo experiencias, e tanto lidou que descobriu a maravilhosa substancia. Criaturas assim podem orgulhar-se de ser mais que os outros.

— Mas não se orgulham, vóvó! disse Narizinho. Já notei que as pessoas verdadeiramente importantes são modestas — como o Conselheiro ou o visconde. Mas ha umas tais pulguinhas humanas que só por terem caído em graça se julgam engraçadissimas...

Emilia botou-lhe a lingua. “Ahn!”

Pau de Dois Bicos

Um morcego estonteado pousou certa vez no ninho da coruja, e ali ficaria de dentro se a coruja ao regressar não investisse contra ele.

— Miseravel bicho! Pois atreves a entrar em minha casa, sabendo que odeio a familia dos ratos?

— Achas. então. que sou rato? respondeu o intruso. Não tenho asas e não vôo como tu? Rato, eu? E' boa!...

A coruja não sabia discutir e, vencida de tais razões, poupou-lhe a pele.

Dias depois o finorio morcego planta-se no casebre do gato-do-mato. O gato entra, dá com ele e chia de colera.

— Miseravel bicho! Pois tens o topete de invadir minha toca, sabendo que detesto as aves?

— E quem te disse que sou ave? retruca o cinico. Sou muito bom bicho de pêlo, como tu, não vês?

— Mas vôas!...

— Vôo de mentira, por fingimento...

— Mas tem asas!

— Asas? Que tolice! O que faz a asa são as penas e quem já viu penas em morcego? Sou animal de pêlo,

dos legitimos, e inimigo das aves como tu. Ave, eu? E' boa...

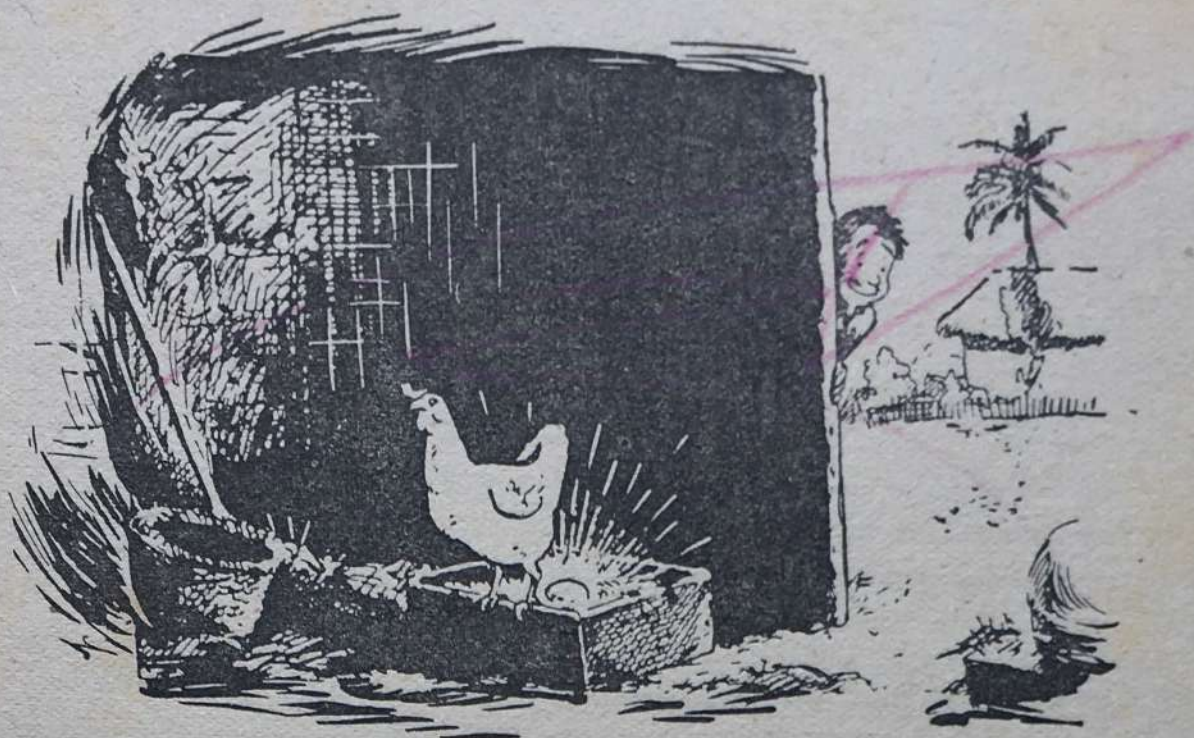
O gato embasbacou, e o morcego conseguiu retirar-se dali são e salvo.

O segredo de certos homens está nesta politica do morcego. E' vermelho? Tome vermelho. E' branco? Viva o branco!

— Sim, senhor! exclamou Emilia. Nunca imaginei que os morcegos fossem tão espertos. Esse vence até as raposas. Enganou a coruja e enganou o gato.

— Mas não enganou o fabulista, disse dona Benta. La Fontaine ouviu a conversa e fez a fabula, para pôr em relevo a duplicidade dos que não são uma coisa certa e sim o que convem no momento.

— Emilia, que é tão amiga da esperteza, devia casar-se com esse morcego, lembrou Narizinho — mas Emilia murmurou: "Passo".



A Galinha dos Ovos de Ouro

João Impaciente descobriu no quintal uma galinha que punha ovos de ouro. Mas um por semana apenas. Louco de alegria, disse á mulher:

— Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovario. Mato-a e fico o mandão aqui das redondezas.

— Por que mata-la, se conservando-a você obtem um ovo de ouro de sete em sete dias?

— Não fosse eu João Impaciente! Quer que me satisfaça com um ovo por semana quando posso conseguir a ninhada inteira num momento?

E matou a galinha.

Dentro dela só havia tripas, como nas galinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintem.

Quem não sabe esperar, pobre ha de acabar.

— Eu, se fosse o fabulista, disse Pedrinho, mudava o titulo dessa fabula. Punha O PALERMA. Só mesmo um palerma como esse João Impaciente podia fazer uma coisa assim.

Dona Benta não concordou.

— Ah, meu filho, isso de esperar não é facil. Quantas vezes você mesmo não perdeu uma coisa que muito desejava por excesso de impaciencia, por não ter tido a sabedoria de esperar...

— Ainda hontem, vóvó, ele *quasi* pegou uma saira das raras, ajuntou Narizinho. Mas não esperou que ela entrasse bem, bem, bem, na armadilha. Puxou o cordel antes do tempo. Pedrinho tam- bem é palerma ás vezes, por falta de paciencia. Eu, sim, sei esperar.

— E porisso mesmo não pegou aquela pulga que estava em sua cama, disse Emilia. Ficou esperando que a pulga pãrasse de pular e a pulga afinal sumiu.

A especialidade de Emilia era pegar pulgas.

A Garça Velha

Certa garça nascera, crescera e sempre vivera á margem duma lagoa de aguas turvas, muito rica em peixe. Mas o tempo corria e ela envelhecia. Seus musculos cada vez mais emperrados, os olhos cansados — com que dificuldade ela pescava!

— Estou mal de sorte, e se não tópo com um bom viveiro de peixes em aguas bem limpidas, certamente que morrerei de fome. Já se foi o tempo feliz em que meus olhos penetrantes zombavam do turvo desta lagoa...

E de pé num pé só, o longo bico pendurado, pôs-se a matutar naquilo até que lhe ocorreu uma idéia.

— Caranguejo, venha cá! disse ela a um caranguejo que tomava sol á porta do seu buraco.

— Ás ordens. Que deseja?

— Avisar a você duma coisa muito séria. A nossa lagoa está condenada. O dono das terras anda a convidar os vizinhos para assistirem ao seu esvaziamento e o ajudarem a apanhar a peixaria toda. Veja que desgraça! Não vai escapar nem um miseravel guarú.

O caranguejo arrepiou-se com a má noticia. Entrou na agua e foi conta-la aos peixes.

Grande reboliço. Graúdos e pequeninos, todos começaram a pererecar ás tontas, sem saberem como agir. E vieram para a beira d'agua.

— Senhora dona do bico longo, dê-nos um conselho, por favor, que nos livre da grande calamidade.

— Um conselho?... e a matreira fingiu refletir. Depois respondeu: Só vejo um caminho. E' mudarem-se todos para o poço da Pedra Branca.

— Mudar-nos como, se não ha ligação entre a lagoa e o poço?

— Isso é o de menos. Cá estou eu para resolver a dificuldade. Transporto a peixaria inteira no meu bico.

Não havendo outro remedio, aceitaram os peixes aquele alvitre — e a garça os mudou a todos para o tal poço, que era um tanque de pedra, pequenino, de aguas sempre limpidas e onde ela sossegadamente poderia pesca-los até o fim da vida.

Ninguém acredite em conselho de inimigo.

— Eu não acredito nem em conselhos de amigos quanto mais de inimigos, disse Emilia. Não quero que me aconteça o que aconteceu com o coronel Teodorico.

Ninguém entendeu. Emilia explicou:

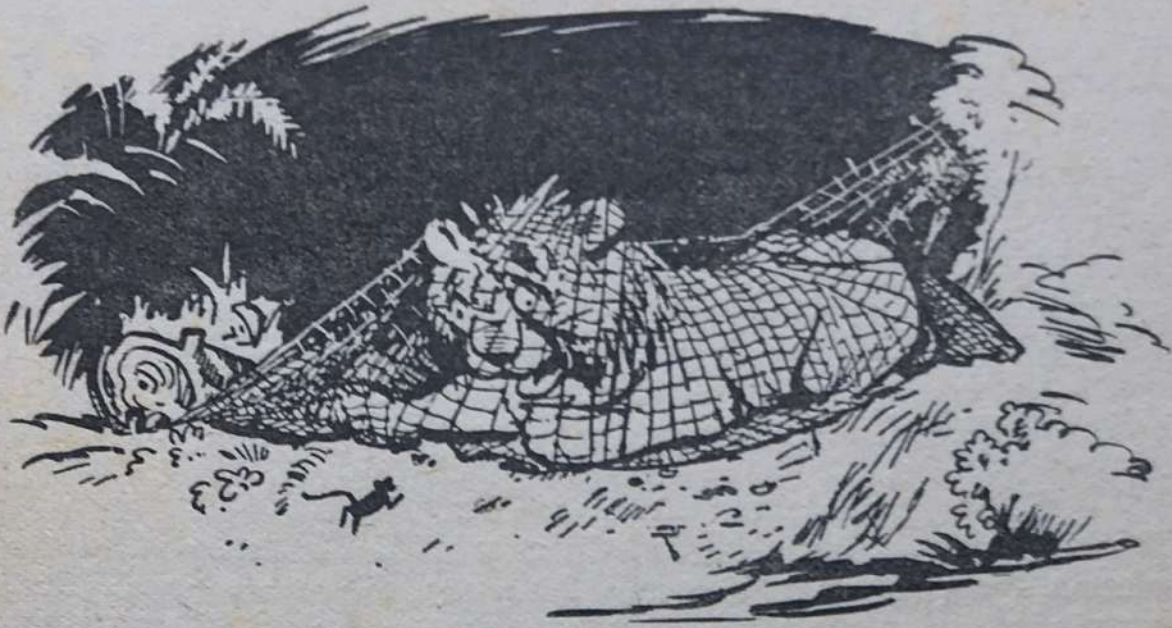
— Ele foi para o Rio de Janeiro depois da venda das terras e acabou sem vintem. Por que? Porque acreditou nos conselhos dos amigos do seu dinheiro. Até bondes o burrão comprou! Eu, quando me dão algum conselho, fico pensando comigo mesmo: "Onde é que está o gato?" Porque ha sempre um gato escondido dentro de cada conselho.

Dona Benta arregalou os olhos. Como estava ficando sabida aquela diabinha!

— E em que você acredita, então? perguntou o Visconde.

Emilia respondeu:

— No meu miolo. Não vou em onda nenhuma, nem de inimigo nem de amigo. Cá comigo é ali na batata do calculo...



O Leão e o Ratinho

Ao sair do buraco viu-se um ratinho entre as patas do leão. Estacou, de pêlos em pé, paralizado pelo terror. O leão, porém, não lhe fez mal nenhum.

— Segue em paz, ratinho; não tenhas medo de teu rei.

Dias depois o leão caiu numa rede. Urrou desesperadamente, debateu-se, mas quanto mais se agitava mais preso no laço ficava.

Atraído pelos urros, apareceu o ratinho.

— Amor com amor se paga, disse ele lá consigo e pôs-se a roer as cordas. Num instante conseguiu romper uma das malhas. E como a rede era das tais que rompida a primeira malha as outras se afrouxam, pôde o leão deslindar-se e fugir.

Mais vale paciencia pequenina do que arrancos de leão.

— Isso é verdade, comentou Narizinho. Não ha o que a paciencia não consiga. Lá na cachoeira ha um buraco na pedra feito por um celebre pingo d'agua que cai, cai, cai ha seculos.

— E ha um ditado popular para esse pingo, ajuntou Pedrinho: Agua mole em pedra dura tanto dá até que fura.

— Quem faz os ditados populares, vóvó?

— O povo, minha filha. Os homens vão observando certas coisas e por fim formam um ditado, ou rifão, ou proverbio, ou adagio, ou dito, no qual resumem o que observaram. Esse dito do pingo d'agua que tanto dá até que fura é muito bom — bonitinho e certo.

— Foi o meio de vencermos a Cuca naquela nossa aventura do Saci, lembrou Pedrinho. A Cuca não tinha medo de coisa nenhuma, porque era poderosa. Mas quando se viu immobilizada pelos cipós com que a amarramos e com aquele pingo d'agua a lhe pingar na testa, cedeu. Entregou o pito, como diz tia Nastacia.

O Orgulhoso

Era um jequitibá enorme, o mais imponente da floresta. Mas orgulhoso e gabola. Fazia pouco nas arvores menores e ria-se com desprezo das plantinhas humildes. Vendo a seus pés uma tabúa, disse:

— Que triste vida levas, tão pequenina, sempre á beira dagua, vivendo entre saracuras e rãs... Qualquer ventinho te dobra. Um tisio que pouse em tua haste já te verga que nem bodoque. Que diferença entre nós! A minha copada chega ás nuvens e as minhas folhas tapam o sol. Quando ronca a tempestade, rio-me dos ventos e divirto-me cá do alto a ver os teus apuros.

— Muito obrigado! respondeu a tabúa ironicamente. Mas fique sabendo que não me queixo e cá á beira d'agua vou vivendo como posso. Se o vento me dobra, em compensação não me quebra e, cessado o temporal, ergo-me direitinha como antes. Você, entretanto...

— Eu, que?

— Você, jequitibá, tem resistido aos vendavais de até aqui; mas resistirá sempre? Não revirará um dia de pernas para o ar?

— Rio-me dos ventos como me rio de ti, murmurou com ar de desprezo a orgulhosa arvore.

Meses depois, na estação das chuvas, sobreveio certa noite uma tremenda tempestade. Raios coriscavam um atrás do outro e o ribombo dos trovões estremecia a terra. O vento infernal foi destruindo tudo quanto se opunha á sua passagem.

A tabúa, apavorada, fechou os olhos e curvou-se rente com o chão. E ficou assim encolhidinha até que o furor dos elementos se acalmasse e uma fresca manhã de ceu limpo sucedesse áquela noite de horrores. Ergueu, então, a haste flexível e pôde ver os estragos da tormenta. Inumeras arvores por terra, despedaçadas, e entre as vitimas o jequitibá orgulhoso, com a raizama colossal á mostra...

Quanto maior a altura, maior o tombo...

— Que é tabúa, vóvó? perguntou Pedrinho.

— Ora meu filho! Então não sabe o que é tabúa?

— Sei o que é tábua...

— Pois tabúa é uma planta da familia das tifaceas, muito comum aqui nos nossos brejos e de cujas folhas, compridas como espadas, a gente da roça faz esteiras.

— Ah, sei! E' até uma planta muito importante — a mais importante de todas, porque a gente da roça só dorme em esteira. Mas eu não digo tabúa, vóvó, digo pirí.

— Pirí é planta parecida, meu filho, não é a mesma.

Emilia achou que a moralidade da fabula estava certa, mas...

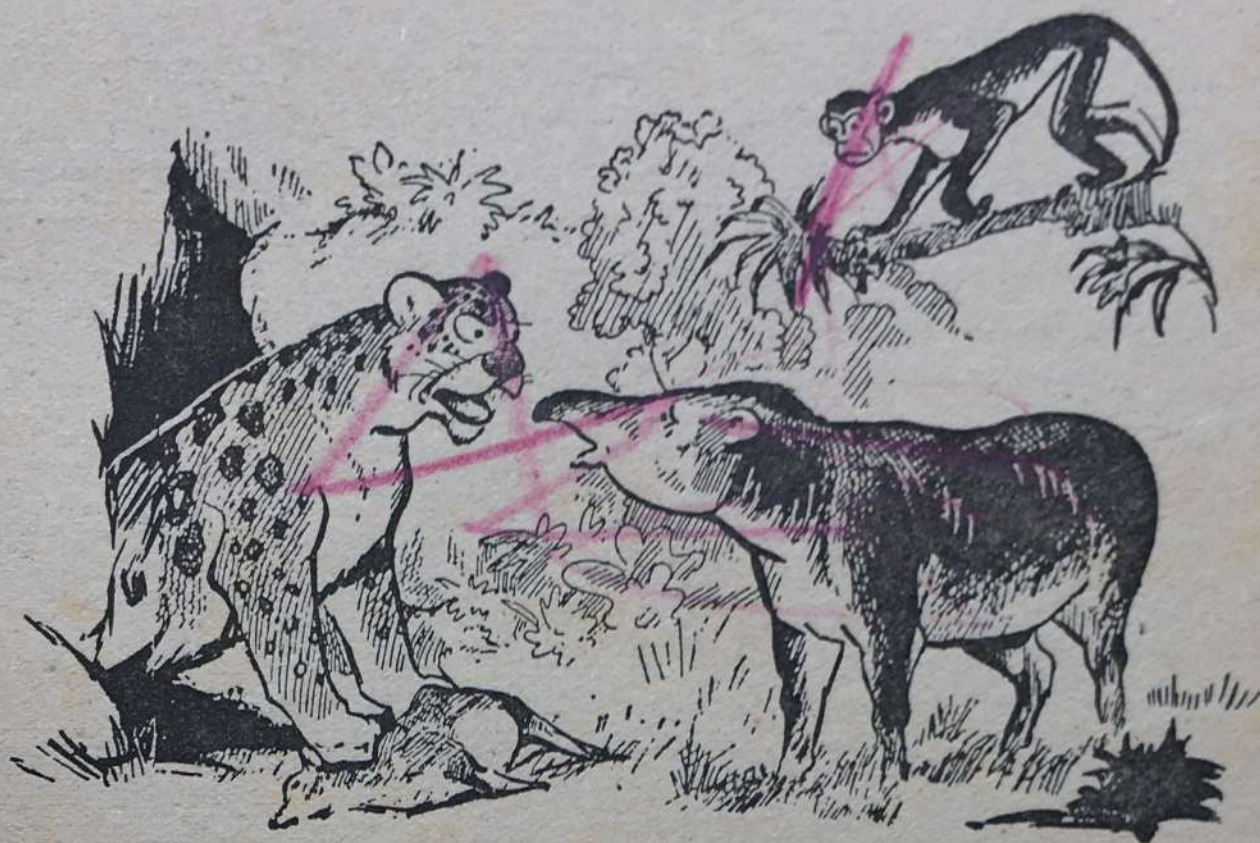
— Mas o que, Emilia?

— Mas entre ser tabúa e ser jequitibá prefiro mil vezes ser jequitibá. Prefiro dez mil vezes!

— Por que?

— Porque o jequitibá é lindo, é imponente, é majestoso, só cai com as grandes tempestades; e a tabúa cai com qualquer foiçada dos que vão fazer esteiras. E depois que viram esteiras têm que passar as noites gemendo sob o peso dos que dormem em cima — gente feia e que não toma banho. Viva o jequitibá!

Dona Benta não teve o que dizer.



O Egoismo da Onça

Ao voltar da caça, com uma veadinha nos dentes, a onça encontrou sua toca vazia. Desesperada, esguelou-se em urros de encher de espanto a floresta. Uma anta veio indagar do que havia.

— Mataram-me as filhas! gemeu a onça. Infames caçadores cometeram o maior dos crimes: mataram-me as filhas...

E de novo urrou desesperadamente, espojando-se na terra e arranhando-se com as unhas afiadas.

Diz a anta:

— Não vejo motivo para tamanho barulho... Fizem-te uma vez o que fazes todos os dias. Não andas sempre a comer os filhos dos outros? Inda agora não mataste a filha da veada?

A onça arregalou os olhos, como que espantada da estupidez da anta.

— O' grosseira criatura! Queres então comparar os filhos dos outros com os meus? E equiparar a minha dor á dor dos outros?

Um macaco, que do alto do seu galho assistia á cena, meteu o bedelho na conversa.

— Amiga onça, é sempre assim. *Pimenta na boca dos outros não arde...*

Na voz de "pimenta", tia Nastacia veio lá da cosinha, com a colher de pau na mão.

— Pimenta, sinhá? E' o que está me fazendo falta hoje. Acabou-se aquela do vidro de boca larga e não sei como me arranjo com o vatapá de amanhã...

Todos caçoaram da pobre preta.

— Não é isso, boba. Estamos "fabulando" a pimenta que não arde na boca dos outros.

A negra não entendeu.

— Não arde? Quem disse que não arde? Só não arde se não for das ardidias.

Dona Benta ficou com preguiça de explicar e deu-lhe ordem de fazer o vatapá sem pimenta.

— Ché! Fica sem graça, sinhá. Feijão sem sal, vatapá sem pimenta e café requentado, é jantar estragado.

O Imitador dos Animais

Pedro Pereira Pedrosa tinha uma habilidade rara: imitava na perfeição a voz dos animais. O *coin-coin* do porco, o *au-au* do cachorro, o *bé* do carneiro, o relincho do burrico, tudo ele reproduzia de modo a enganar todo mundo.

— E' tal e qual! diziam os ouvintes maravilhados.

Um dia apareceu na cidade um homem se propondo a derrotar o imitador.

— Vamos os dois imitar em publico a voz dum porquinho; e se eu não ganhar a partida; cortem-me a cabeça!

Chega o dia. Enche-se o teatro. Pedro aparece confiante na vitoria e imita leitão novo de modo a entusiasmar o publico.

— O outro, agora! O outro!... berra a assistencia.

Apareceu o outro, embrulhado num capotão. Preparou-se, remexeu-se e, de repente:

— *Coin! Coin! Coin!...*

Vaia estrondosa.

— Fóra! Fóra! Pedro ganhou! Pedro imita melhor! Fóra!...

O sujeito abriu o capote e suspendeu pelas orelhas um leitãozinho que trazia oculto.

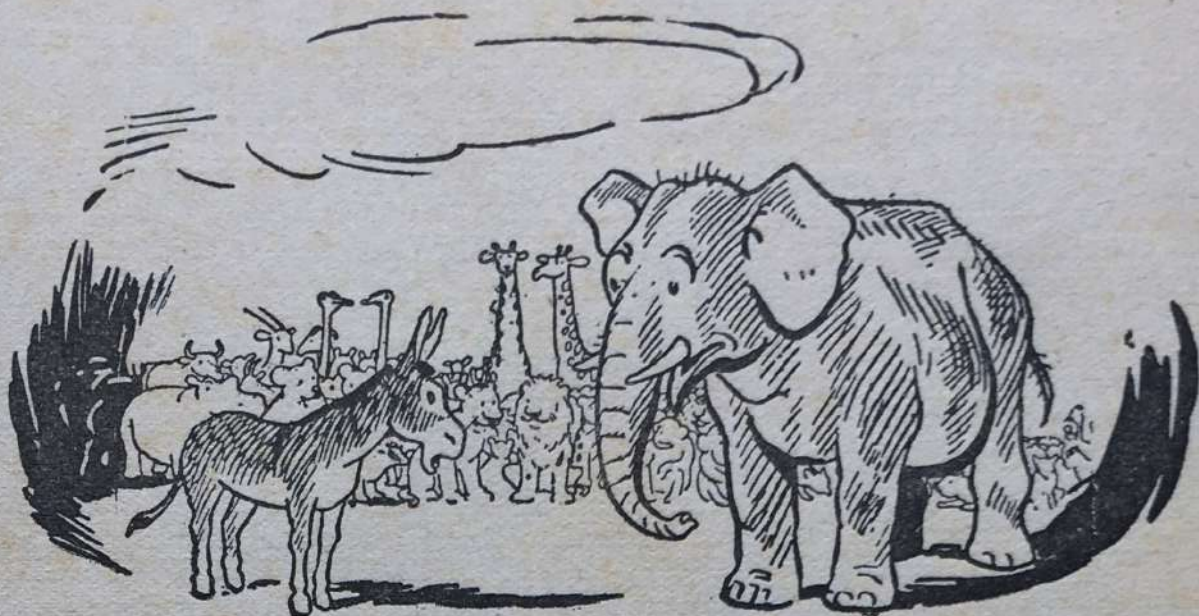
— Vaiai, senhores, vaiai o verdadeiro autor dos coinchos, pois foi este porquinho quem berrou e não eu...

Os espectadores entreolharam-se encafifadissimos.

Mais vale cair em graça do que ser engraçado.

— Apoiadissimo! exclamou o visconde. Mais vale cair em graça do que ser engraçado. Eu, por exemplo, tenho sido bem engraçadinho em varias ocasiões — mas quem cai em graça é sempre outra pessoa...

Biblioteca Histórica e Pedagógica "MONTIERS LORAIN"
"AUBATE" S. A.



O Burro Sabio

No tempo em que os animais falavam, uma assembléia de bichos se reuniu para resolver certa questão.

Compareceu, sem ser convidado, o burro, e pedindo a palavra pronunciou longo discurso, fingindo-se estadista. Mas só disse asneiras. Foi um zurrar sem conta.

Quando concluiu, ficou á espera dos aplausos; mas o elefante, espichando a tromba para o seu lado, disse:

— Grande pedaço d'asno! Roubaste o tempo, a nós e a ti. A nós, porque o perdemos a ouvir asneiras; e a ti, porque muito mais lucrarias se o empregasses em pastar capim. Toma lá este conselho:

Um tolo nunca é mais tolo do que quando se mete a sabio.

— Está aí uma fabula inutil, disse Pedrinho. Diz a mesma coisa que a do Asno e do Burro.

— Sim, meu filho. E' uma variante. Serve para mostrar que uma mesma verdade pode ser expressa de modos diferentes.

— Continuo a acha-la inutil, insistiu Pedrinho. Se veio para provar isso, perdeu o tempo, porque nada mais claro que todas as coisas podem ser ditas de muitas maneiras.

O visconde contestou.

— Isso tambem, não, Pedrinho. As verdades scientificas só podem ser ditas de uma maneira. Quando eu pergunto: "Quanto é um mais um?" a resposta só pode ser "Dois".

— E o "Onze" onde fica, visconde? berrou Emilia. Um mais um tambem dá 11.

O sabuginho científico atrapalhou-se.

Mal Maior

— O sol vai casar-se! anunciou um bem-te-vi boateiro. Viva o sol!

— Viva? exclamaram as rãs, assustadas. Não diga isso, pelo amor de Deus... Um sol apenas já nos dá que fazer. Seca os brejos e nos deixa às vezes a ponto de morreremos de sede. E é um só... Imaginem agora que se casa e além do senhor sol temos também que aturar dona sol e os sois filhinhos... Será a maior das calamidades, porque então unicamente as pedras poderão resistir á furia da familia de fogo.

Assim é. O mundo está bem equilibrado, e qualquer coisa que rompa a sua ordem resulta em males para os viventes. Fique pois solteiro o sol e não enviue quem é casado.

— Não gostei! berrou Emilia. Se nada mudar, o mundo fica sempre na mesma e não ha progresso.

— Espere, Emilia, disse dona Benta. O que a fabula quer dizer é que qualquer mudança nas coisas prejudica a alguem.

— Pode prejudicar a um e fazer bem a dois, insistiu Emilia. As coisas não são tão simplés como as fabulas querem. *Est modus...* como é aquele latim que a senhora disse outro dia, dona Benta?

— *Est modus in rebus...*

— Isso mesmo. Nos modos está o rebus...

— Não, Emilia. Esse latim quer dizer que em tudo ha modalidades.

— Eu sei. E' como nos verbos. Todos os verbos tem uma porção de modos. A gente tambem tem modos. As coisas tem modos.

— Isso! Você agora pôs o dedo na significação desse latim. *In rebus* quer dizer *nas coisas*. Todas as coisas têm modos, como os verbos. Mas as fabulas não podem expor todos os modos das coisas — só expõem um, o principal, ou o mais frequente.

— Por que não podem?

— Porque ficariam compridas demais. Virariam tratados de filosofia. . .



Tolice de Asno

Um asno pedantissimo atormentava a paciencia dum pobre burro de carroça, desses que reconhecem o seu lugar na terra. Zurrava, declamava, provava que era ele um talento de primeira grandeza e sabio como nunca apareceu outro no mundo.

O burro ouvia, de orelhas murchas, pastando. O asno danou.

— Que bronco tu és, amigo! Falo e não me respondes! Zurro ciencia e tu pastas! Vamos! Dize alguma coisa! Contraria-me, contesta-me as opiniões, que estou a arder por uma polemica. Do contrario envergonhar-me-ei de ter-te como irmão na forma e na côr.

Um macaco que tudo ouvia lá num galho não se conteve e disse:

— O mundo está perdido! Esta besta a fazer-se de sabio, a zurrar centenas de asneiras e o burro a engulir tudo caladinho...

O burro abanou as orelhas e respondeu com a citação do verso de Bocage:

Um tolo só em silencio é que se pode sofrer...

— Aposto que esse burro era o nosso Conselheiro, disse Emilia e o asno não pode ser outro senão o coronel Teodorico.

Emilia não perdoava ao coronel o arzinho de superioridade com que ele a tratou naquela prosa contada nos SERÕES DE DONA BENTA.

— E quem é esse Bocage, vóvó? perguntou a menina.

— Um velho poeta português, notavel pelas suas agudezas.

— E que é agudeza? quis saber Pedrinho.

— E' filosofia com graça, meu filho. Emilia, por exemplo, tem ás vezes excelentes agudezas...

Emilia derreteu-se toda.

As Duas Panelas

Duas panelas, uma de ferro, orgulhosa, outra de barro, humilde, moravam na mesma cozinha; e como estivessem vazias, a bocejarem de vadiação, disse a graúda:

— Bela tarde para um giro pela horta! A cosinheira não está, e até que venha teremos tempo de dizer adeus á alface e fazer uma visita aos repolhos. Queres ir?

— Com todo o prazer!... respondeu a panela de barro, lisonjeadissima da honrosa companhia.

— Dá-me o braço então, e vamo-nos depressa antes que “ela” venha.

Assim fizeram, e lá se foram as duas, desajeitadonas, gingando os corpos ventrudos, cheias de amabilidades para com as hortaliças. “Bom dia, dona Couve!” “Comendador Repolho, como passa?” “Coentrinho, adeus!”

No melhor da festa, porém, a panela de ferro falseou o pé e esbarrou na amiga.

— Ai que me trincas! exclamou esta.

— Não foi nada, não foi nada...

Uns passos mais e novo choque.

— Ai que me desbeigas, amiga!

— Em casa arruma-se, não é nada.

Minutos depois, terceiro esbarrão, este formidavel.

— Ai! Ai! Ai! Fizeste-me em pedaços, ingrata!... e a misera panela de barro caiu por terra a gemer, reduzida a cacos.

Sempre que o fraco se associa ao forte, sai trincado, desbeçado, despedaçado...

— A moralidade desta fabula tambem podia ser o tal “Lé com lé, cré com cré”, lembrou Pedrinho.

— Exatamente, meu filho. Se tivessem saído a passeio duas panelas de ferro ou duas panelas de barro, nada teria acontecido.

— Se fosse escrever essa fabula, berrou Emilia, eu punha uma moralidade diferente.

— Qual?

— Fé com fé, bá com bá.

Todos acharam engraçadinho.



A Pele do Urso

Dois caçadores precisados de dinheiro tiveram a idéia de vender a pele de um urso que morava na floresta proxima. Feito o negocio e recebida a importancia, tomaram das espingardas e saíram em procura da féra. Encontraram-lhe sem demora o rasto e seguiram-no cautelosos. Subito, um deles, batendo na testa, exclamou:

— Que caçadores das duzias somos nós! Pois não é que deixamos em casa os cartuchos?

Era verdade aquilo, e mal os caçadores deram pela coisa o mato estaleja e o urso aparece.

Rapido como o relampago, um deles consegue trepar por uma arvore acima. Já o outro, mais lerdo, o remedio que teve foi deitar-se no chão e fingir-se de morto.

O urso chegou, bamboleando o corpo. Dá com o “cadaver”, fareja-o nos olhos, no nariz, nos ouvidos e exclama:

— Carniça! Isto é coisa que só aos urubús pode interessar. E retirou-se, bamboleante.

Assim que o urso desapareceu ao longe, os caçadores, até então imóveis, respiraram e criaram alma nova. E, muito satisfeitos de se verem livres das unhas da “pele” vendida, foram correndo para casa. Lá chegados, riram-se da aventura; e o que trepara á arvore perguntou ao que se fingira de morto:

— Que é que te disse o urso ao ouvido, compadre?

— Disse-me que não se deve contar com o ovo antes da galinha o botar!...

Ouvindo falar em ovo, tia Nastacia veio lá da cosinha saber que historia de ovo era aquela. Ovo é uma coisa que bole no coração das cosinheiras. Dona Benta teve de repetir o caso da pele do urso.

A pobre preta não entendeu nada. Só gostou daquele ovo ali no fim, mas não achou nenhuma relação entre a pele do urso e o ovo de galinha.

— Será que esse caçador pensa que urso bota ovo? disse ela tolamente.

Todos riram-se.

— A cara de tia Nastacia está me sugerindo uma fabula que esqueci de contar, disse dona Benta — a do Galo e a Perola. Um galo estava ciscando no terreiro. De repente encontrou uma perola. “Que pena!” exclamou. “Antes fosse um grão de milho”.

A boa negra ainda ficou mais atrapalhada. Urso, ovo de galinha, perola, grão de milho... Que embrulhada era aquela? E voltou para a cosinha resmungando:

— Até sinhá está ficando que a gente não entende. Crédo...



Liga das Nações

Gato-do-mato, jaguatirica e irára receberam convite da onça para constituírem a Liga das Nações.

— Aliemo-nos e cacemos juntos, repartindo a presa irmãmente, de acôrdo com os nossos direitos.

— Muito bem! exclamaram os convidados. Isso resolve todos os problemas da nossa vida.

E sem demora puseram-se a fazer a experiencia do novo sistema. Corre que corre, cérca daqui, cérca dali, caiu-lhes nas unhas um pobre veado. Diz a onça:

— Já que somos quatro, toca a reparti-lo em quatro pedaços.

— Otimo!

Repartiu a presa em quatro partes e, tomando uma, disse:

— Cabe a mim este pedaço, como rainha que sou das florestas.

Os outros concordaram e a onça retirou a sua parte.

— Este segundo também me cabe porque me chamo onça.

Os socios entreolharam-se.

— E este terceiro ainda me pertence de direito, visto como sou mais forte do que todos vós.

A irára interveio.

— Muito bem. Ficas com tres pedaços, concordamos (que remedio!); mas o quarto tem que ser dividido entre nós.

— Ás ordens! exclamou a onça. Aqui está o quarto pedaço ás ordens de quem tiver a coragem de agarrá-lo.

E arreganhando os dentes assentou as patas em cima.

Os tres companheiros só tinham uma coisa a fazer: meter a cauda entre as pernas. Assim fizeram e sumiram-se, jurando nunca mais entrarem em Liga das Nações com onça dentro.

— Chega de fabulas, vóvó! disse Pedrinho. Já estamos empanturrados. A senhora precisa nos dar tempo de digerir tanta sabedoria popular. Estou com a cabeça cheia de “moralidades”.

Dona Benta concordou. Tudo tem conta, e a maior sabedoria da vida é usar e não abusar. Mas, querendo saber se tinham aproveitado a lição, disse:

— Muito bem. Vamos agora ver se não perdi meu tempo. Que é que você conclue de tudo isto, Pedrinho?

— Concluo, vóvó, que as fabulas, mesmo quando não valem grande coisa, têm sempre um merito: são curtinhas...

— Muito bem. E você, minha filha?

— Para mim, vóvó, as fabulas são sabidissimas. No momento a gente só presta atenção á fala dos animais, mas a moralidde nos fica na memoria e de vez em quando, sem querer, a gente aplica “el cuento”, como a senhora diz.

— Muito bem. E você, Emilia?

— Eu acho que as fabulas são indiretas para um milhão de pessoas. Quando ouço uma, vou logo dando nome aos bois: este mono é o tio Barnabé; aquele asno carregado de ouro é o coronel Teodorico; a gralha enfeitada de penas de pavão é a filha de Nhá Véva. Para mim, fabula é o mesmo que indireta.

Dona Benta voltou-se para o visconde.

— E que pensa das fabulas, visconde?

O sabuguinho assoprou e disse:

— Na minha opinião, as fabulas mostram só duas coisas: 1.º) que o mundo é dos fortes; e 2.º) que o unico meio de derrotar a força é a astucia. Essa da Liga das Nações, por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por que? Por que lá dentro estava a onça, representando a força e contra a força de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irára fez ver o direito desses animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da força. A irára errou. Em vez de alegar direito, devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astucia vence a força. Emilia disse uma coisa muita sabia em suas Memorias...

— Que foi que eu disse? perguntou Emilia, toda assanhadinha e importante.

— Disse que se tivesse um filho só lhe dava um conselho: "Seja esperto, meu filho!" Se não fosse a esperteza, o mundo seria duma brutalidade sem conta...

— Seria a fabula do Lobo e o Cordeiro girando em redor do sol que nem planeta, com todas as outras fabulas girando em redor dela que nem satelites, concluiu Emilia dando um pinote.

Dona Benta calou-se, pensativa.

Êstes livros de MONTEIRO LOBATO

*possuem uma continuidade episódica
e devem ser lidos na seguinte ordem:*

- 1 - *Reinações de Narizinho*
- 2 - *Viagem ao Céu*
- 3 - *O Sací*
- 4 - *Caçadas de Pedrinho*
- 5 - *Hans Staden*
- 6 - *História do Mundo*
- 7 - *O Menino que não Quis Crescer (Peter Pan)*
- 8 - *Emilia no País da Gramática*
- 9 - *Aritmetica da Emilia*
- 10 - *Geografia de Dona Benta*
- 11 - *História das Invenções*
- 12 - *D. Quixote para as Crianças*
- 13 - *Memórias da Emilia*
- 14 - *O Poço do Visconde*
- 15 - *Serões de Dona Benta*
- 16 - *Histórias de Tia Nastácia*
- 17 - *O Picapau Amarelo*
- 18 - *O Minotauro*
- 19 - *A Chave do Tamanho*
- 20 - *A Reforma da Natureza*
- 21 - *O Espanto das Gentes*
- 22 - *Fábulas*

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO ALEGRE